ILLUSTRAÇÃO PORTUGUEZA

2ª SERIE

Nº 15

DIRECTOR
CARLOS·MALHEIRO·DIAS·

Illustração Portugueza

Director—Carlos Malheiro Dias

EDIÇÃO SEMANAL

EMPREZA DO JORNAL O SECULO

Redacção, administração, atelier de desenhos e officinas de photographia, photogravura, zincographia, stereotypia, typographia e impressão — Rua Formosa, 43, Lisboa

Condições de assignatura

Portugal, colonias e Hespanha

Anno	4$800
Semestre	2$400
Trimestre	1$200

Assignatura extraordinaria

A assignatura conjuncta de O SECULO, do SUPPLEMENTO HUMORISTICO DO SECULO e da ILLUSTRAÇÃO PORTUGUEZA

PORTUGAL, COLONIAS E HESPANHA

Anno	8$000	Trimestre	2$000
Semestre	4$000	Mez (em Lisboa)	700

EDITOR—JOSÉ JOUBERT CHAVES

J. B. RIBEIRO

263, RUA AUGUSTA, 265

ESPECIALIDADE

EM

Calças e calções á ingleza e á portugueza para montar a cavallo

Grande sortimento de fazendas nacionaes e estrangeiras, para fatos, gravatas, suspensorios, botões de camizas, carteiras, etc.

Ultimas novidades

RETROZARIA

DAVID SOBRINHO

78, Rua Nova do Almada, 78

REINO DA SAXONIA

Technico Mittweida

DIRECTOR: Prof. A. Holz

Instituto de 1.ª ordem para estudo da engenheria mechanica e electr. Possue tambem laboratorios para mechanica e electrica bem como uma fabrica para o estudo pratico. Frequentaram no 36.º anno: 6:610 estudantes.—Para programmas, etc., dirigir-se ao secretariato.

As motocyclettes Saroléa. E' a mais elegante, a mais solida, a de mais facil manejo que existe actualmente.

Bicyclettes a 28$000 réis.

RUA DA CONCEIÇÃO DA GLORIA, 11

Pinto Coelho (Herdeiros).

ANALYSE DE URINA

Completa

PHARMACIA NORMAL

216 a 220 R. DA PRATA 216 a 220

Viuva Thiago da Silva & C.ª

Estabelecimento de ferragens nacionaes e estrangeiras — 94, Praça de D. Pedro, 95 — Officinas de serralheiro, dourador, metaes e nickelagem.—**Rua de Santo Antão, 2-A.**

José da Costa

Rua do Carmo, 73 e 75

Generos alimenticios de 1.ª qualidade, especialidade em queijos francezes. — Telephone n.º 1:306.

ORTIGUIL

FOR THE HAIR

900 RÉIS

DEVE ESTAR EM TODOS OS TOILETTES, EVITA A QUEDA, FACILITA O CRESCIMENTO E TIRA A CASPA.

PERFUME ESQUISITO

Vende-se nos bons estabelecimentos de Portugal.

DEPOSITO

PERFUMARIA BALSEMÃO

R. dos Retrozeiros, 141

LISBOA

Pelo correio accresce 200 réis.

NESTLÉ

FARINHA LACTEA

32 medalhas de ouro incluindo a conferida na Exposiçao Agricola de Lisboa

PREÇO 400 RÉIS

Bueno Romera

Cirurgião-dentista

Tratamento de doenças de bocca. Collocação de dentaduras artificiaes.

CONSULTORIO — **Calçada do Combro, 32, 1.º** (vulgo Paulistas)—LISBOA.

Union Maritime • Mannheim

Companhia de seguros postaes maritimos e de transportes de qualquer natureza. — Directores em Lisboa: **LIMA MAYER & C.ª—59, Rua da Prata, 1.º**

COMPANHIA

DO

PAPEL DO PRADO

Sociedade anonyma de responsabilidade limitada

Proprietaria das fabricas do Prado, Marianaia e Sobreirinho (Thomar), Penedo e Casal d'Hermio (Lousã) Valle Maior (Albergaria a Velha)

Installadas para uma producção annual de cinco milhões de kilos de papel e dispondo dos machinismos mais aperfeiçoados para a sua industria. Tem em deposito grande variedade de papeis de escripta, de impressão e de embrulho. Toma e executa promptamente encommendas para fabricações especiaes de qualquer qualidade de papel de machina continua ou redonda e de fórma.

ESCRIPTORIOS E DEPOSITOS

LISBOA — 270, Rua da Princeza, 276

PORTO — 49, Rua de Passos Manuel, 51

Endereços telegraphicos: LISBOA, COMPANHIA PRADO.

PORTO — PRADO — Lisboa: Numero telephonico 308.

PÃO PARA DIABETICOS

Massas para sopa, farinha, chocolate, biscoitos, assucar de saude, etc. Tudo de pura Gluten do dr. Charrasse, de Marselha medico especialista.

Chegou nova remessa d'estes magnificos productos, unicos de que devem fazer uso exclusivo os doentes, certificando-se assim dos bons resultados.

Dias, Costa & Costa

76, Rua Garrett, (Chiado) 78

TELEPHONE 380

ESTAÇÃO DE VERÃO

Os mais lindos modelos de chapeus para verão e copias magnificas e elegantissimas, por preços extremamente baratos.

Collecções completas de artigos para confecções de chapeus, aigrettes, meio tulles, etc.

5 Rua do Carmo 7

CASA SEGURADO

Uma guitarra nas mãos, um bom cavallo entre os joelhos, um toiro pela frente,—e ahi temos o portuguez.

Entre nós, poucos enthusiasmos se teem mantido tão inalteraveis, atravez as gerações, como o enthusiasmo pelos toiros. Está-nos na massa do sangue. É a nossa costella hespanhola. É o nosso fraco.

Tudo, decorrido um lapso de tempo mais ou menos longo, tem passado de moda. Passaram os enthusiasmos dos torneios do seculo XIV e XV, *sport* sumptuoso e dramatico que a visita de messire Jacques de Lalain á côrte de D. Affonso V não conseguiu resurgir em Portugal. Passaram de moda as monterias a porcos, a veados e a ursos, os *hallalis* heroicos em plenas tapadas reaes, que mereceram a honra de suggerir o assumpto de um livro a um dos maiores reis portuguezes. Passaram egualmente de moda as grandes caçadas de altaneria do seculo XVI e XVII, brilhantes de falcoeiros, de batedores, de plumas ao vento e de gibões de velludo, cuja memoria nos ficou apenas no fundo desbotado das velhas tapeçarias e na pallidez tecida d'oiro dos velhos pannos de Arrás. O proprio jogo de cannas, com as suas corridas ao estafermo, á argollinha, á rosa, esse *sport* heroico e viril, que ainda em pleno seculo XVIII enthusiasmava mulheres e merecia ao marquez de Marialva um capitulo extenso da sua *Arte de Cavalgar*,—é hoje um simples anachronismo, um passatempo *démodé*, apenas tolerado a titulo de reconstituição historica. Tudo tem passado, tudo tem desapparecido na aza voluvel da Moda:—só as touradas se conservam com o mesmo furor, com o enthusiasmo inalteravel dos tempos primitivos, como se sobre a sua barbaridade illuminada e sangrenta se não tivessem desenrolado os seculos.

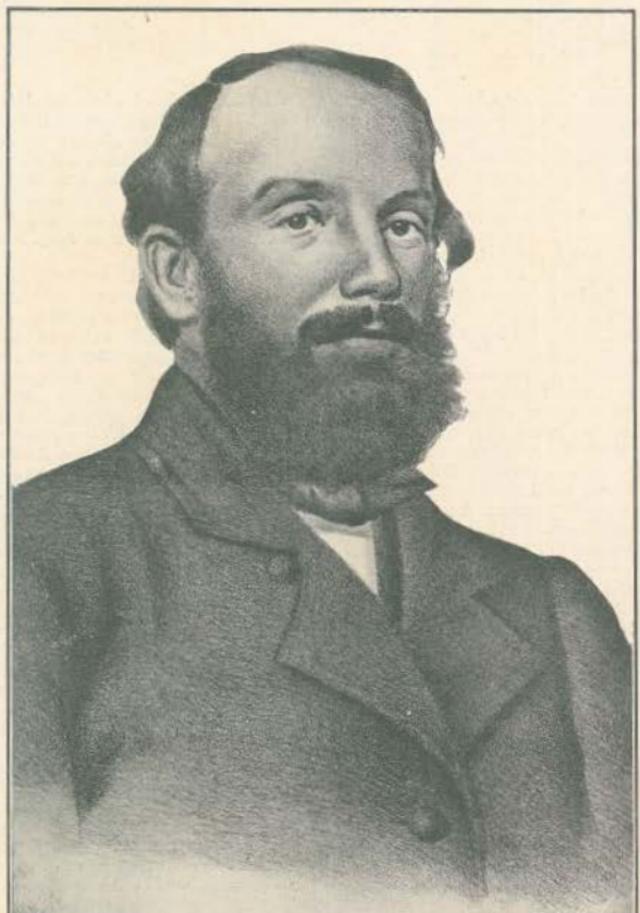
Em Portugal correm-se touros desde tempos immemoriaes. O conde D. Henrique, *condottière* borgonhez, ruivo e gigantesco, a quem um rei de Leão fez presente d'uma infanta e de alguns palmos de terra, foi o primeiro principe que entre nós toureou. Todos os reis da primeira dynastia, á excepção de Affonso II cuja obesidade ficou tradicional, de Affonso III que se entretinha a fazer politica, a violar abbadessas e a mandar illuminar códices em Alcobaça, de D. Diniz que preferia fazer versos, e de D. Pedro para quem o dançar pelas ruas ao som de trombetas de prata era o mais supportavel dos divertimentos,—á excepção d'estes quatro principes, todos os nossos primeiros dynastas tomaram o rojão para montear touros, nas coutadas ou nas praças, nos montados bravios ou nos pateos dos castellos. As touradas d'então, ou eram uma batida tumultuaria, que nada differia das batidas aos lobos ou aos porcos,—ou um duello em campo fechado, no meio d'uma estacada de tapeçarias, entre um touro escumante e um homem inteiramente coberto de ferro. Eram torneios de força e de agilidade, barbaros e sanguinarios, a meio dos quaes se soltava de ordinario uma matilha de cães que n'um momento recobria e abocanhava a fera. Nada de arte: apenas dextreza e força.

Só mais tarde se começaram a conhecer e a estabelecer preceitos para o combate de touros, para o modo de cravar o rojão ou de arremessar a ascuma. D. João I, atarracado, trigueiro, violento, toureiro de raça e admiravel cavalleiro de gineta, ensina a tourear no seu *Livro de Monteria*. D. Duarte, egualmente dextro apesar da sua neurasthenia profunda, dá na *Arte de Bem Cavalgar* a indicação dos melhores processos para o toureio. Manda que ao attingir a fera se desvie a cabeça do cavallo, e estabelece como regra que o rojão se deve cravar entre as espaduas do touro. Diz o illustre principe, na sua pittoresca linguagem: «*E se perdiante vem, devesse teer esta maneira: desvyar a cabeça do cavallo em chegando a ella* (fera) *assy que o faça vir a direito da spalda, ou costado da besta em que andaar, á parte direita; cá se vier de direyto errasse mais asynha, e a besta entropeça per cima, e nom se pode della guardar nem levar a lança na mão se a bem fere. E quando vyer ao encontro deve teer mentes de o ferir per antre as spadoas, ca este he o logar onde o do cavallo ha de encontrar usso, touro ou porco, se em besta de rasoada grandeza andar que o possa fazer, porque ally he o meo...*» Renascidos, aristocratisados, tornados verdadeiramente sumptuosos, os combates de touros passaram, com D. Affonso V, a fazer parte das grandes festas officiaes. Em todas as grandes solemnidades, juramentos, casamentos de infantas, nascimentos de principes, a tourada era tão imprescindivel como as justas, como os mômos, como as cannas, como os banquetes. Com o principio da Renascença officialisou-se entre nós o combate de touros. Nas festas do casamento da pequenina infanta D. Leonor, filha de D. Duarte, com o gigantesco e immenso Frederico III, imperador da Allemanha, que tinha 2 metros e meio de altura, houve a primeira tourada official a S. Christovam, a par dos paços do Duque, em seguida aos mômos e justas reaes que o infante D. Fernando e o infante D. Henrique fizeram na rua Nova, disfarçados de selvagens e cobertos de pennas. O mesmo succedeu quando a princeza D. Joanna, tambem irmã de D. Affonso V, casou com o impotente Henrique de Castella: houve touros no Rocio, e depois na Landeira, quando a Princeza sahiu por Elvas

(1454), revestindo todas as festas a mais extraordinaria magnificencia. Consagradas como divertimento real, quasi como necessidade diplomatica, as touradas estavam definitivamente radicadas entre nós. O proprio D. João II, tão reforçado que cortava com a espada, de um só golpe, quatro tochas juntas, e tão bem humorado que se mascarava em Evora de «Cavalleiro do Cysne» para divertir o povo,—era um toureiro e um cavalleiro d'ambas as sellas, de primeira ordem. O mesmo se dava com D. Manuel, cujos braços enormes e musculosos, que lhe chegavam abaixo dos joelhos,—diz Damião de Goes —o favoreciam singularmente, nas cannas e nas monterias, nas justas e nos touros. Só com D. João III se suspenderam as tradições viris e heroicas dos nossos reis: o pobre sobrinho de Joanna a Doida, apathico e imbecil, sombrio e devoto, divertia-se a resar na capella, a vêr morrer os filhos, a beijar o habito de S. Francisco de Borja, e a assistir voluptuosamente ao immenso desfilar dos sambenitos e das carochas, entre cruzes e tochas accesas, nos Autos-de-Fé do Rocio.

Conde de Vimioso

Surge então D. Sebastião, esse Galaaz loiro e adolescente, misogyno e irascivel, — e com elle renascem os grandes torneios de barbaridade e de força. Atravez os tempos, nas excellencias da gineta e da estardiota e na dextreza em touros e cannas, só um principe conseguiu exceder o illustre pupillo de D. Aleixo de Menezes: foi D. Miguel, seu irmão na temeridade e na bravura, na formosura e na gentileza. De resto, ninguem o egualou sequer. A cavallo, illuminava-se, resplandecia, tinha a elegancia d'um centauro e a firmeza d'um bronze. Diz d'elle um dos frades chronistas que o conheceram: «*Posto que nos exercicios de pé tivesse muita dextreza, nos de cavallo não houve quem lhe fôsse egual, porque alem de elle ser domador de ferozes cavallos foi extremamente monteador de porcos, jogador de cannas, justador e toureiro*». Ficou celebre certa tarde em que D. Sebastião toureou em Almada com o marquez de Torres Novas, que tinha fama de ser o primeiro toureiro do seu tempo, e com varios fidalgos da primeira nobreza do reino, estremados entre os que mais se presavam de saber tourear a rojão. Foi um triumpho para o moço rei, que ainda havia pouco voltára da sua primeira jornada a Africa. Diz uma carta inedita do tempo (Pomb. codice 490, fl. 92): «*o marquez de Torres Novas andou esse dia airoso e bom galante e quebrou seis ou sete lanças nas festas dos touros, mas El-Rei nosso Sor. fez melhores sortes e com mais confiança*». Toureava a primor, como jogava a pella, como corria ao estafermo. Estalou dez ou doze rojões, abateu-lhe um cavallo morto entre os joelhos, toureou um momento a pé, e emquanto de toda a parte lhe cahiam flôres sobre a cabeça loira, a avó D. Catharina, quebrando a gravidade austera do seu vestido de velludo preto e da sua golla branca enrocada, chorava de alegria e de desvanecimento «*e não se fartava de lhe lançar a benção*». A paixão do illustre principe pelos combates de touros era tão grande, que foi ainda por sua iniciativa que se correram no Terreiro do Paço os primeiros «touros reaes». Era um enthusiasta, era quasi um profissional.

Entretanto, nunca em tempo de D. Sebastião as

Sua Alteza o Senhor Infante D. Affonso

touradas de fidalgos attingiram a sumptuosidade e a magnificencia da corrida de tres dias que se realisou no Terreiro do Paço, por occasião da visita de Filippe II de Hespanha a Lisboa, e de que outra carta inedita do tempo *(Mss. Bibl. Nac., codice B-9-37)* nos conta os mais insignificantes pormenores. Foi, em Portugal, o inicio das touradas d'apparato. Nunca para um combate de feras o seculo XVII inventou mais sumptuoso ceremonial e se revestiu de tapeçarias mais pesadas d'ouro. Os palanques foram armados no Terreiro, em madeira dourada, com riquissimos pannos de sêda e de brocado de Flandres; n'uma das janellas nobres do Paço, sob docel de brocado d'ouro, assistia Filippe II, todo de negro, avançando o seu queixo austriaco de prognatha recoberto de pellos grisalhos, — e nas outras janellas formigavam as damas e a nobreza de Hespanha e de Portugal, sob um grande velario vermelho que o sol incendiava. Começou a tourada ás 4 horas da tarde, pela entrada das danças, que nos seculos XVI e XVII foram inseparaveis de todas as festas a que concorria o elemento popular, — comedias ou romarias, touradas ou procissões. Tourearam os illustres fidalgos D. Francisco Coutinho, D. João de Noronha (Villaverde), D. Fernando Mascarenhas, D. Antonio Corrêa de Menezes e Estevam de Brito Freire, — ao tempo um dos mais notaveis toureiros e mestres de picaria do Reino, — acompanhados cada um de 10 ou 12 lacaios de couras e gibões preciosos. O combate foi renhido em todos os tres dias, — morrendo vinte touros, quatro homens e alguns cavallos que Filippe II offerecera aos fidalgos toureiros. Entre os varios incidentes d'essa tourada celebre, houve um que mar-

Carlos Relvas

Alfredo Tinoco

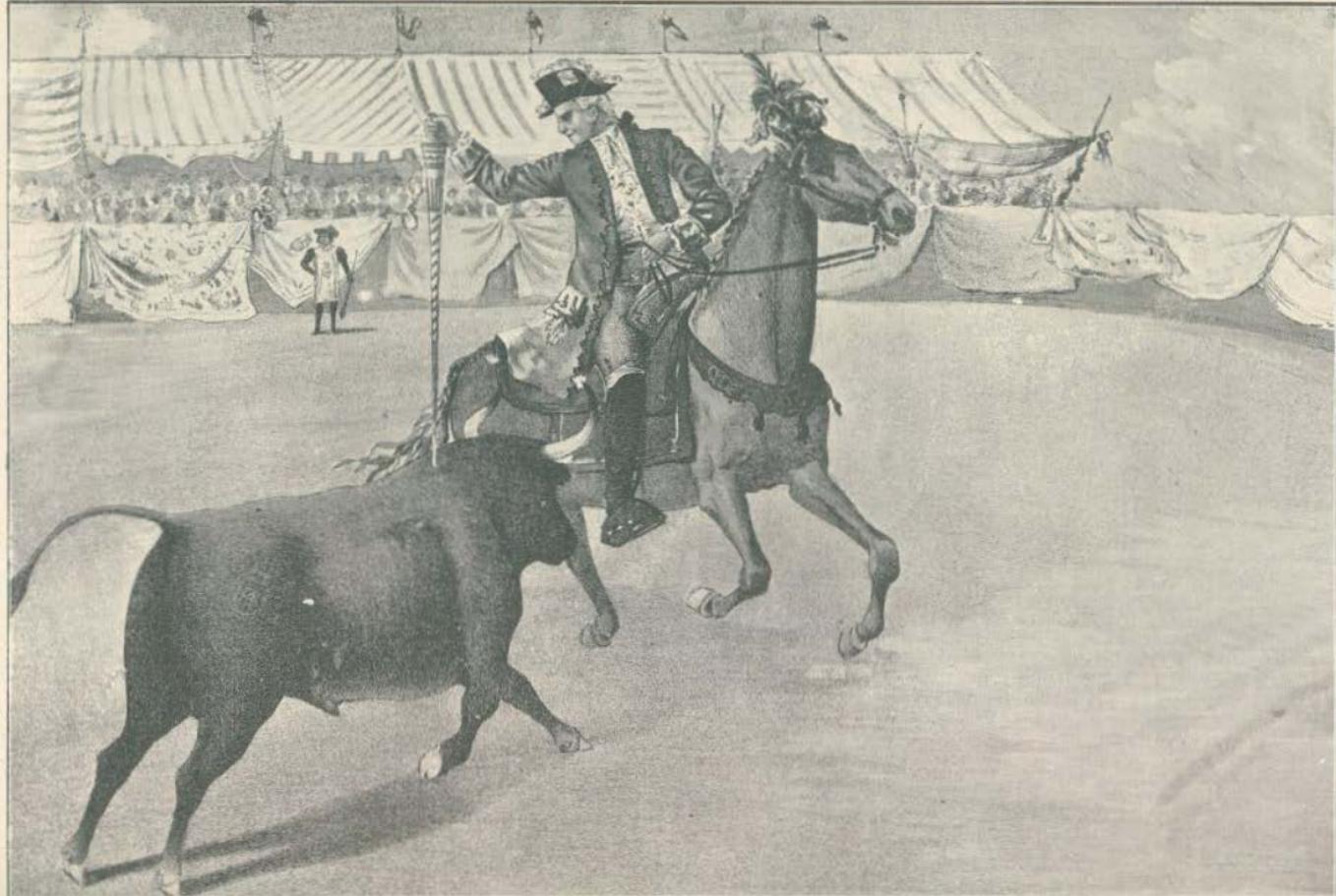
cou pela originalidade e pelo imprevisto: a meio da corrida appareceu um peregrino de habito de burel, vieiras e bordão de Jerusalem, pedindo a El-Rei o perdão dos seus crimes em troca de saltar ao Terreiro a picar os touros. Filippe II acquiesceu, o peregrino arregaçou o burel, tomou um rojão, saltou á praça, fez prodigios de valor, feriu e matou as feras de rosto, — e como um energumeno a quem tivessem vestido um habito de romeiro, varreu tudo, dispersou tudo, touros e homens, lacaios e cavallos. Chamava-se João Camarão, e commettera varios delictos quando eguariço em casa de D. João de Saldanha, fidalgo de Santarem. É claro, o rei de Hespanha perdoou-lhe. Foi com este exemplo de bravura, dado por um homem de povo, que nós recebemos, fidalgamente, Filippe II.

Com o advento da nova dynastia, as touradas do Terreiro do Paço continuaram, — mas sem brilho. D. João IV, mais *virtuose* do que rei, mais monteiro do que picador de touros, entretinha-se a correr porcos em Villa Viçosa, quando não compunha motêtes ao cravo com Diogo d'Alvarado e com os musicos italianos e hespanhoes que trazia na côrte. D. Affonso VI, hemiplegico e imbecil, fez ainda o prodigio de tourear uma ou duas vezes no pateo d'Odivellas: mas só com D. Pedro II conseguiram renascer as grandes touradas do seculo XVII. Este rei, musculoso e temerario como Hercules, firme e brutal como um tronco, travava-se com as feras arca por arca, dando a todos os fidalgos estroinas do Reino o mais perigoso e o mais desgraçado dos exemplos. As consequencias d'esse mau exemplo foram, como não podiam deixar de ser, varias mortes desastrosas em touros reaes ou em simples touradas promovidas pelos estoira-vergas e pelos rebenta-ca-

brestos de 1680. D'ahi, a publicação d'um alvará *(Liv. do Desembargo do Paço, fl. 189, v.)* em que se prohibia que se corressem touros sem que previamente se lhes mandassem cortar as pontas. Este alvará, datado de 1686, começa: «*D. Pedro, etc., hei por bem e mando que d'aqui em diante em qualquer parte destes Reinos e Senhorios, nenhuma pessoa, de qualquer qualidade ou preminencia que seja, consinta nem mande correr touros sem primeiro lhe mandar cortar as pontas em fórma conveniente que notoriamente se conheça não poderem fazer damno algum*». Os transgressores, sendo nobres, pagavam cem cruzados, e não o sendo pagavam cincoenta cruzados e tinham 15 dias de cadeia. Esta disposição, diminuindo o perigo das touradas, fez-lhes perder a maior parte do seu encanto. As poucas vezes que se correram touros reaes no Terreiro do Paço, no reinado de D. João V, bastaram para convencer os enthusiastas dos antigos tempos de que não davam nada as touradas em Lisboa sem muito sol e muito sangue. O povo, entretido pelos outeiros de Abbadessado, pelos *Lausperennes* e pelas procissões, não queria saber de touros. D. João V era pouco para correr ao pateo das Arcas a vêr a Petronilla, ou a Odivellas a beijar a madre Paula. Não tinha tempo para se entreter com touros, preoccupado como andava em conseguir de Roma mais uma mitra, mais um baculo ou mais uma sandalia dourada para o cabido patriarchal. Em 1747 ainda se realisou uma grande tourada em Salvaterra, sem maior enthusiasmo, sendo picador o notabilissimo José Roquette, de quem um folheto satyrico do tempo dizia:

> *«Chamou o Boy, partiu o Boy com fogo,*
> *Encaixou-lhe o rojão e morreo logo:*
> *Mas o Roquette, em minha consciencia,*
> *Mata Boys por officio e não por sciencia.»*

Por esse mesmo tempo houve tambem umas curiosas festas de touros em Sacavem, em que foi cavalleiro o picador da Casa Real Francisco de Mattos, havendo a novidade de certa dança em que pela primeira vez os figurantes «*traziam narizes, supostos semelhantes aos dos graciosos de Italia*» e apparecendo na lide de pé um toureiro hespanhol que fez furor e que se chamava Ramon. Mas tudo isto foram apenas tentativas, de pouco ou nenhum resultado para as emprezas. As touradas do Terreiro do Paço estavam esquecidas e mortas, pela simples razão de que se desinteressára d'ellas o elemento official. Foi necessario que D. João V morresse, para que dois annos depois, passado o lucto e festejando o advento do novo rei, o marquez d'Alegrete, presidente do senado da camara da cidade, se lembrasse de resurgir os velhos touros reaes com o hirto solemne ritual antigo. Quando se espalhou a noticia de que voltavam os touros no Terreiro do Paço, foi um verdadeiro delirio em toda Lisboa. As «franças» do Mocambo e da Mouraria corriam a empenhar os resicléres e os anneis, os «faceiras» pelintras vendiam os capotes para arranjar dinheiro, os logares de palanque custavam os olhos da cara, os paes viam-se afflictos com as filhas, os maridos com as mulheres. Por fim, a tourada realisou-se, a 28 de agosto de 1752, assistindo El-Rei D. José e D. Marianna Victoria, sendo neto o Victorino, picador da Casa Real, e cavalleiros Manuel dos Santos e Luiz Antonio, tambem picadores da Casa Real, Manuel de Mattos e o celebre José Roquette, um dos mais prestigiosos toureiros do seu tempo. Esta data ficou marcada como a da resurreição dos antigos touros reaes de D. Sebastião e de Filippe II. O explendor d'essa corrida e das duas que se lhe seguiram, nunca, na segunda metade do seculo XVIII e em todo o seculo XIX, conseguiu ser excedido ou sequer egualado. A tourada começou pela entrada de todas as danças celebres do tempo,— a dança das espadas, a dança das ciganas, a dança dos negros, o rei David, a serpe, o

Sua Alteza o Senhor Infante D. Manuel n'uma tourada em Cintra

A sorte de rojão n'uma tourada do seculo XVIII

drago, os côches sumptuosos, bamboleantes, pesados de talha doirada, — e acabou por um episodio ao mesmo tempo hilariante e brutal, que enthusiasmou toda a mafra baixa do tempo, os baetas e os frades, os eguariços e os picadores, os «faceiras» e os marchantes. Foi o caso que o ultimo touro, em vez de entrar, como todos os outros, pela porta do curro, veio fechado dentro d'uma gaiola forrada de tafetá vermelho, sobre uma carroça puxada a cavallos lazarentos e em cujo couce um leão de madeira doirada, rompante e armado, abria as guelas enormes. O povo ficou perplexo, sem saber o que significava aquillo tudo, olhando a carroça, n'um silencio solemne de espectativa. N'isto, o leão começa a vomitar fogo de artificio, o tafetá incendeia-se, ouvem-se mugidos infernaes, — e um touro immenso, negro, espumante, triumphal, salta da carroça quebrando com as hastes a fragil gaiola de madeira onde se ateiavam chammas... Foi um enthusiasmo, foi um delirio. O povo uivava, formigava, ululava de alegria barbara, e a propria rainha, no palanque real, agitando o abanico de nacar e plumas, saudava de longe o illustre marquez de Alegrete, em cuja nobilissima cabeça germinára tão extravagante idéa.

Marquez de Bellas

D'ahi por diante, no reinado de Pombal, fazem-se innumeras touradas. O gosto pela picaria e pela arte de cavalgar, de jogar cannas e correr touros, accentua-se com a predilecção do novo rei. Construe-se o picadeiro de Belem, por ordem de D. José. Antonio Xavier, o *Antonico*, homem agigantado e gordissimo, faz prodigios em ambas as sellas e educa toda uma geração de picadores da Casa Real. O conde d'Obidos, carola pela picaria, traz de Hespanha o celebre Bartholomeu Bartholdo, que vem a ser depois o braço direito do gran-

D. Luiz do Rego

Victorino Froes

de marquez de Marialva. Os casquilhos que pintam a face de carmin, uzam luneta d'oiro d'um vidro só, falam em falsete e se mosqueiam de signaes de tafetá, são—quem o diria!—cavalleiros admiraveis e toureiros eméritos. Uma onda san-

Simão da Veiga

guinea de bravura atravessa a mocidade fidalga e ridicula do tempo. O conde de Aveiras faz loucuras, a toda a brida, nos carrinhos de arruar, e o conde dos Arcos morre desastrosamente em Salvaterra, espetado nas hastes d'um touro. Os picadeiros enchem-se, trasbordam os palanques dos touros reaes, succedem-se as mortes,—e é preciso que surja Pina Manique com a sua casaca de seda preta e a sua austeridade intransigente, é necessario que a figura patriarchal do velho marquez de Marialva desappareça no tumulo, para que o enthusiasmo pelas touradas e pela cavallaria se attenue ou pareça attenuar-se um pouco. Com D. Maria I e com o arcebispo de Thessalonica, volta a haver mais *Lausperennes* do que jogos de cannas, mais procissões do que touradas, mais minuetes do que lições de picaria. Só com o illustre principe D. Miguel se opera mais tarde o resurgimento das cavalhadas e dos touros reaes. O neto do grande marquez de Marialva honra a memoria do seu avô e segue-lhe as tradições heroicas e galantes: cavalleiro assombroso, estoura-vergas terrivel, atravessa estradas e campos com a rapidez d'um furacão, com a violencia d'uma catastrophe, acompanhado do picador Sedovém, dos toureiros Roquettes, dos Grillos de Salvaterra, um *bonnet* d'oleado na cabeça, uma niza verde justa ao corpo, um pampilho sob a perna, a mão baixa e a espora no ventre do cavallo. Não teem conta as touradas em que picou nem os tombos que deu, —em Almeirim e em Salvaterra, em Sacavem e em Queluz, em Almada e em Villa Viçosa. Mas não contente com o tourear nos terreiros e nas praças, nos pateos e nos campos, D. Miguel metteu uma noite nos corredores do paço da Bemposta um touro enorme, espumante, medonho, e sem respeito pela mãe, sem respeito por si proprio,—deu uma tourada de estrondo nas salas do palacio, com o marquez de Chaves e o cocheiro Leonardo, o *Cambaças* e o padre Braga, os Roquettes e o marquez d'Abrantes. E emquanto os creados negros cahiam, as cadeiras voavam e os tremós doirados eram feitos em hastilhas pelo animal, o bom do Infante, rojão em punho, desafiava o touro, cravava-lhe o ferro na taboa do pescoço, estendia-o no tapete, e gritava pelos corredores, offegante, apopletico, perdido:

«*Morreu Boi! Haja vaca para o povo!*»

D'ahi por diante, a politica ensombra todos os enthusiasmos e a Revolução não dá tempo a cuidar nas sumptuosidades dos touros reaes. As casacas-de-briche substituem o redingote de seda dos marialvas. Ha uma calma, durante a qual todas as praças e todos os pateos do Reino se fecham,—para deixar correr o sangue nas ruas. Só mais tarde surge o principe dos toureiros romanticos de Portugal, o conde de Vimioso, tão celebre pela sua sorte á tira com o touro levantado e pelos seus amores com a tradicional Maria Severa do *Capellão*. Depois do Vimioso, apparecem, como profissional, Diogo de Bettencourt, e como amador D. João de Menezes, o mais bello e gentil homem do seu tempo, ainda hoje vivo,—que em certa tourada de fidalgos picou vestido apenas d'um *maillot* de seda, como Apollo, sobre um cavallo de raça que um simples fio d'oiro manejava... Hoje, os herdeiros das tradições do seculo XVIII e da escola do paço de Belem honram ainda essas tradições e essa escola. A arte de marialva conserva-se florescente entre nós. Encerrando este artigo com os nomes de D. Antonio Portugal, do marquez de Castello Melhor, de Antonio de Siqueira Freire (S. Martinho), de D. Luiz do Rego, do visconde de Asseca, de Simão da Veiga, de Carlos Relvas, de Victorino Froes, do Marquez de Bellas,—fechamol-o... com esporas d'oiro.

J. D.

A BAIXELLA FRANCEZA DA CORTE DE PORTUGAL

N'um trabalho excellente sobre a arte de ourivesaria franceza do seculo XVIII, o sr. Germain Bapst, investigador erudito e critico de nomeada, conta que el-rei D. Luiz, depois do banquete de gala no paço da Ajuda, por occasião do casamento do actual rei, acompanhara o duque de Trémoille á copa do palacio, onde os lacaios lavavam as pratas, a fim de lhe mostrar as principaes peças da baixella de Germain, não hesitando em arregaçar as mangas do uniforme e da camisa e mergulhar as mãos nos baldes da limpeza para fazer admirar ao seu hospede todo o maravilhoso explendor do seu thesouro.

É inutil insistir sobre a ausencia completa de authenticidade em semelhante narrativa. Esse rei, de mangas arregaçadas, a mostrar as suas pratas a um fidalgo da comitiva de sua nora, seria comico se não fosse absurdo. Mas a anecdota encarece, melhor que todos os elogios, o valor d'essa baixella famosa, que os reis podiam, sem desaire, mostrar aos duques, entre as aguas sujas da sua copa, depois de um sólemne banquete de esponsaes.

Estatueta em *vermeil* executada por Edme-Godin para o duque d'Aveiro

Resultado das encommendas de D. João V e D. José I a Thomaz Germain —de quem se conhecem na Europa apenas seis peças authenticas, — a Francisco Thomaz Germain, seu filho e successor, a Edme Godin e a Auguste, a baixella franceza, em poder da casa real portugueza, não tem rival em nenhuma outra casa soberana da Europa.

Seria interminavel a descripção minuciosa dos candelabros, dos centros de mesa, das cestas para pão, das molheiras, gurnis, bacias, travessas, pratos cobertos, sopeiras, conchas, saleiros, chaleiras, chocolateiras e talheres que compõem esse celebre thesouro de arte, que provocou em todos os francezes do sequito da princeza de Orleans, por occasião do banquete da Ajuda, um murmurio unanime de admiração, semelhante ao que ha dois annos aflorou os labios de todo o sequito do imperador Guilherme, ao vêr avançar na imponencia magestosa do Terreiro do Paço os côches de D. Affonso VI, de D. Pedro II, de D. João V e de D. José I.

Datam de 1725 as primeiras encommendas de D. João V aos ourives de Paris.

No seculo XVII, por toda a Europa, os soberanos, os principes, os fidalgos e os ricos burguezes procuravam quanto possivel copiar nos requintes do luxo, no apparato e nas maneiras, o resplandecente Luiz XIV. Todos se esforçavam por adquirir uma peruca tão exaggerada e tacões tão escarlates como os do rei sol. O mais modesto fidalgote, o mais insignificante financeiro pretendia passeiar a passos

Estatueta em *vermeil* executada por Edme-Godin para o duque de Aveiro

contados, apoiado a um alto bastão, tão magestosamente como elle. As festas e as representações de Versailles eram copiadas nas côrtes estrangeiras e nos salões segundo as narrativas das gazetas e dos embaixadores. As gravuras que reproduziam o interior dos aposentos de Versailles serviam de modelo para a decoração das salas dos palacios, dos solares e dos castellos. Todas as ceremonias eram dirigidas pelo protocollo francez. A França conquistava a Europa pela vaidade. Luiz XIV era reconhecido universalmente como o arbitro supremo do bom gosto e da moda quando, com 78 annos de edade, deixava o thrôno a um rei de 5 annos e o governo a uma regencia que ia inaugurar o precioso seculo XVIII.

Luiz XV estava longe de dispôr do prestigio de seu real avô. No decurso do seu reinado, a influencia real decahe, emquanto a da nação prospera.

Voltaire e Rousseau são os reis do mundo. A lingua franceza é falada em quasi todas as côrtes da Europa. Na Russia vae construir-se Peterhof, na Allemanha, Potsdam; na Italia, Caserta; em Portugal, Queluz:—sombras pallidas de Versailles, da Muette e de Bellevue. É a architectura franceza, com o seu estylo *rocaille*, que domina por toda a parte. As manufacturas francezas gozam, sem concorrencia, de uma reputação universal. Em S. Petersburgo como em Lisboa, em Londres como em Madrid, consideram-se como expressões culminantes da belleza ornamental a porcellana de Sèvres e a tapeçaria dos Gobelins. Wat-

Urna de prata para flôres

Estatueta em *vermeil* executada por Edme-Godin para o duque d'Aveiro

Cafeteira para agua em prata, executada nas officinas de Germain

Estatueta em *vermeil* executada por Edme-Godin para o duque d'Aveiro

Joalheiro em prata cinzelada executado nas officinas de Germain para a princeza D. Maria (mais tarde a rainha D. Maria I)

Gumil e bacia de barba, em prata, executados nas officinas de François Germain para D. José I

teau, Fragonnard e Boucher são por toda a Europa admirados e copiados. As baixellas francezas de Germain, de Roettiers, de Godin ou d'Auguste brilham á luz das velas de cêra em todas as mesas reaes. D. João V manda vir de Paris as perucas, as camisas, os côches e as pratas. No paço da Ribeira, como em todos os paços da Europa, o faustuoso mobiliario da renascença italiana e flamenga é substituido pelas obras-primas da marcenaria franceza. Junto do seu embaixador politico, as imperatrizes Izabel e Catharina manteem em

Centro de meza executado em 1757 por François Germain para D. José I
(VISTO DE LADO)

Caneca de prata executada nas officinas de Germain para D. José I

Paris um embaixador incumbido de adquirir preciosidades artisticas. D. João V não fica atraz das imperatrizes da Russia e mantem como ellas na

côrte de França um ministro encarregado de zelar pelo seu fausto. Em 1730, o seu embaixador é encarregado de encommendar sessenta côches de portinholas pintadas aos irmãos Martin! Esta encommenda formidavel basta para o diagnostico da megalomania do Salomão portuguez, que em 1721 escrevia para Roma ao cardeal da Cunha, enviado ao conclave, aconselhando-o a atirar ao Tibre as sobras do ouro que levava, para assim eternisar gloriosamente o seu nome!

O convento de Mafra, os côches e as baixellas francezas são os tres maiores documentos que do seu fausto asiatico legou á posteridade a primeira das magestades fidelissimas, esse emulo de Luiz XIV no orgulho e de Luiz XV na libertinagem. As toneladas de ouro e de diamantes que as minas do Brazil despejaram durante todo o seculo XVIII no thesouro real iam em breve sumir-se nas alcôvas da madre Paula, nas basilicas de Mafra e da Estrella, nos cortejos da entrevista do Caia, nas ampliações do palacio da Ribeira, em paramentos sacros e baixellas, em carrilhões e berlindas, com amantes e frades, com orgias e *Te-Deum*.

Sopeira em prata, executada por François Germain, identica ás que Thomas Germain executou para a imperatriz Isabel da Russia

Depois que D. Luiz da Cunha, o «decão dos embaixadores», remetteu a D. João V a primeira obra de Germain, o rei suspendeu as suas encommendas na Inglaterra, de onde, ainda em 1724, lhe viera uma banheira de prata com o peso de novecentos marcos. E tudo agora, paramentos, cabelleiras e serviços de mesa era encommendado em Paris pelo nababo de Lisboa.

As officinas de Germain iam principiar a executar esse maravilhoso thesouro, gloria da

Molheira de prata executada nas officinas de François Germain para D. José I

Saleiro de prata (faz parte da baixella executada nas officinas de Germain para D. José I)

Caixa para pó de arroz pertencente a um serviço de toucador executado nas officinas de Germain para a rainha de Portugal

Bule para chá executado nas officinas de Germain

Saleiro de prata (faz parte da baixella executada para D. José I por François Germain)

ourivesaria franceza, que a casa real de Bragança ostenta nos aparadores das Necessidades e nos banquetes da Ajuda, digno de rivalisar com as obras primas de Cellini, de cuja posse se orgulha a casa real de Inglaterra.

Thomas Germain, o mais celebre dos ourives da famosa dynastia dos Germain, era filho de um lavrante de prata, que já usava o titulo de fornecedor particular da côrte. Na Escola de Bellas Artes, Thomas Germain obtivera uma medalha no concurso de esculptura. Mais tarde, viajando na Italia, aperfeiçoara-se na sua arte e, de regresso a Paris, o Regente installava-o nas galerias do Louvre, como um artista palatino. Modelador habilissimo, compondo com a mesma sciencia e o mesmo talento o ornato e a figura, Thomas Germain era dotado de uma imaginação exuberante e como nenhum outro, inexcedivelmente, ideava as suas obras com esse gosto exemplar, essa ponderação, equilibrio e elegancia que notabilisam as artes francezas do seculo XVIII. Nas suas mãos eximias, a voluta desenvolveu-se na *rocaille*, de que os seus successores iam pelo abuso crear o motivo essencial do estylo barôco.

Tal era o artista a quem se dirigia o embaixador de D. João V. Da sua officina do Louvre, perpetuada na familia, iam principiar a sahir os innumeraveis primores de arte, que hoje ainda constituem o maior thesouro artistico da côrte portugueza.

Em 1728, Germain remettia para Portugal seis mil marcos de prata cinzelada. De 1740 a 1744 executava para D. João V, com destino talvez á capella patriarchal, seis corôas e resplendores de ouro, uma cruz de altar, sete ciriaes de prata dourada e uma lampada, felizmente ainda hoje conservada no palacio da Ajuda. E' de presumir que o terremoto e o incendio tenham sepultado nos escombros do paço da Ribeira e da capella patriarchal a maxima parte da obra de Thomas Germain, da qual restam ape-

Urna de prata executada nas officinas de François Germain para D. José I

Samovar em prata, executado por François Germain para D. José I. (Pelo seu estylo accentuadamente Luiz XVI, a tripeça do samovar parece ser de factura mais recente).

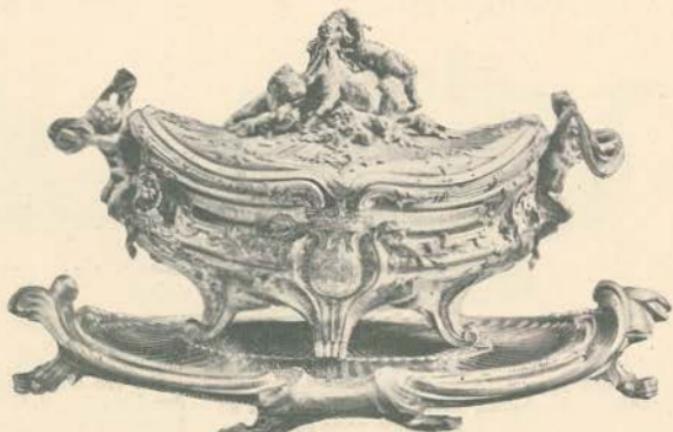
Um dos saleiros da chamada baixella de serviço

nas na Europa, incluida a lampada da Ajuda, seis peças authenticas. D'estas, a mais importante — uma sopeira e prato — ostenta no bojo, entre folhagens de

Sopeira em prata, executada por François Germain e cujo mode'o é attribuido a seu pae Thomas Germain

Lampada de prata executada por Thomaz Germain para D. João V (palacio das Necessidades)

acantho, as armas da casa de Galveias.

A Thomas Germain succedeu seu filho François Germain, destinado a ser o heroe da mais escandalosa fallencia do seculo XVIII, como fornecedor de todas as côrtes da Europa. O inventario da sua officina póde considerar-se o almanach de Gotha do seu tempo. N'elle estavam inscriptos, na sua maioria como devedores, todos os principes e todos os grandes senhores das monarchias européas.

As encommendas de D. José I a François Germain começam com a famosa botica de D. José, que só de feitio custava 20:000 libras tornêzas. Affirma o duque de Luynes que essa era a vigesima quarta obra que sahia das officinas do Louvre para a casa de Bragança. Em 1757 D. José encommendava ao successor de Thomas Germain o serviço de mesa, conhecido pelo nome de *vaiselle plate*, que devia constar de trezentas peças e no qual as officinas Germain trabalhavam ainda em 1764. Estes peças admiraveis constituem o nucleo mais importante da actual collecção da casa real.

Em 1766, François Fermain é encarregado de executar um serviço de toucador, em prata dourada, de que subsistem algumas peças, e um serviço de almoço, em ouro, de que resta apenas o celebre saleiro mandado copiar por D. Fernando. Por esse mesmo tempo, sahe ainda das suas officinas um outro serviço de toucador destinado á princeza D. Maria, depois rainha, ao qual se presumem pertencerem a caixa de polvilhos e a caixa de joias,

Centro de mesa executado em 1757 por François Germain para D. José I

cujas photographias acompanham este artigo.

Na occasião da fallencia, o inventario a que se procedeu em 25 de junho de 1765 designa no activo quatro serviços em via de execução para o rei de Portugal e um centro de mesa ainda não completamente modelado. Todo este trabalho importava na somma fabulosa de 900:000 libras francezas!

Vê-se que D. José I restaurava grandiosamente as baixellas de seu pae, de que o terremoto o privara dez annos antes.

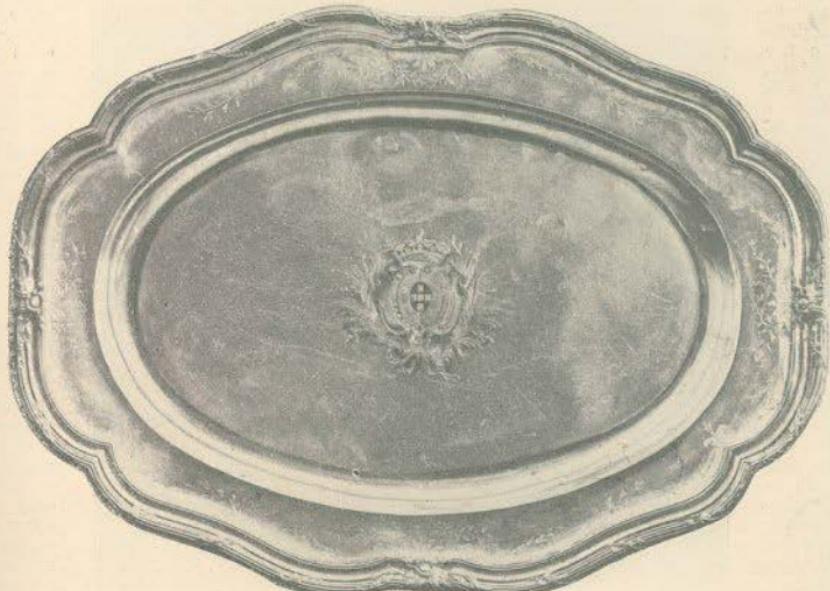
Sopeira em prata, executada por François Germain e cujo modelo é attribuido a seu pae Thomas Germain

Em 1757 sahem das officinas de Germain com destino a Lisboa um serviço de toucador e uma espada, tudo em ouro, quatro duzias de pratos, tres duzias de talheres, tres duzias de facas em *vermeil* e doze baldes de prata para gelo. A grande encommenda de 1757 prolongou-se até 1765 e a sua peça capital é o centro de mesa gigantesco, em cujo socelo se lê a inscripção:

«Fait par François-Thomas-Germain, orfévre du

Roy, aux Galeries du Louvre. Paris, 1757.»

Parte apenas d'este serviço subsiste. Actualmente, a casa de Bragança possue ainda 1:274 peças provenientes das officinas de Germain! Fazem tambem parte da incomparavel baixella franceza da casa real de Portugal dezeseis figurinhas de prata, que Edme-François-Godin executava para o duque d'Aveiro e que vieram avolumar, depois do confisco, o thesouro da corôa. A ultima encommenda da casa de Bragança data dos ultimos annos do seculo XVIII e reduz-se a dois baldes para *champagne*, executados pelo ourives Robert-Jacques-Auguste no mais puro estylo Luiz XVI.

Tal é, a largos traços descripta, a historia do famoso thesouro que tão regiamente guarnece os aparadores da sala de jantar do paço das Necessidades e com que se adorna a mesa dos reis de Portugal nos seus banquetes de gala no palacio da Ajuda.

Bandeja em prata, executada por François Germain para D. José I

COMO SE FORMA A AUREOLA DE UMA SANTA

San'a Joanna

Celebraram-se nos dias 12, 13 e 14 de maio as festas de Santa Joanna na cidade de Aveiro e a proposito d'ellas recordaremos a vida e obras de que foi tecida a aureola de santidade d'aquella princeza beatificada em 1693 pelo papa Innocencio XII.

DO CONVENTO D'ODIVELLAS AO DE JESUS D'AVEIRO © A PRINCEZA D'OLHOS VERDES © DISSIMULAÇÕES D'UMA FUTURA SANTA

Houve uma grande opposição na côrte de D. Affonso V quando a princeza D. Joanna, pelo mez de junho de 1472, deliberou recolher-se ao convento d'Odivellas, já de proposito firme em passar ao d'Aveiro, do qual lhe vinham amiudadas cartas da sua amiga D. Leonor de Menezes, que ali florescia em graças e santidade sob o abbadessado de D. Brites Leitôa, madre de bastas virtudes e adiantados annos.

Esta princeza D. Joanna era uma creaturinha moça e formosissima, adelgaçada de cinta e d'estatura alta, o rosto cheio e os olhos verdes, sujeita a grandes melancolias, afeita a dissimulações de genio e a geitos voluntariosos occultos na sua alma onde espigava o lyrio do mysticismo que a fazia lançar-se em todos os disfarces, abusar de todos os artificios, tomada da doentia teima d'entrar como noviça na ordem dominicana. Nascera na aura bem accentuada de religiosidade que se apossára do pae e á rainha sua mãe fôra communicada, após certa romagem de piedade e de noivado feita a S. Domingos da Queimada—á beira de Lamego—na anciedade de darem ao throno um successor. A' volta, dominados por aquella idéa obcecante d'um milagre, atochados de superstições, ao abraçarem-se crentes e amorosos no seu leito real, geraram a futura santa que trouxe impressa na sua carne, latente no seu sangue, vibrante nos seus nervos, aquella herança de fé vinda dos progenitores e que a fez desde pequenina devotar-se a cousas de religião e impregnar-se da idéa de levar uma vida de monja.

A côrte, a gente lettrada, cavalleiros, procuradores do povo, os rudes batalhadores d'Arzilla, os seraphicos monges das ordens dominantes e mesmo os grados prelados do reino oppunham-se, com o rei e com o principe D. João, a essa vontade da princeza, receando vêr o throno sem successão, o reino entregue a Castella ou falhada alguma alliança conjugal tão necessaria ao brilho da casa real de Aviz.

Mas D. Joanna de Portugal mentia com os olhos, com esses lindissimos olhos verdes, ao florear-se airosa em danças, requebros e miradas nos

A urna de prata contendo as roupas de Santa Joanna

saraus, e com a palavra ao dizer que não queria receber o veu de noviça e apenas retirar-se para algum convento, enganando o pae e o irmão, a côrte e o povo ao apresentar-se garrida com as suas roupas de filha de rei e guardando sob ellas as grossas estamenhas das vestes mais achegadas, bailando fulgurante de joias, alegre, a sorrir, mas com a cinta retalhada pelos cilicios enastrados d'aço, meneando-se, de riso aberto, satisfeita com as dôres e com o ludibrio.

Deixava-se acompanhar pelas aias ao seu leito fôfo, adocelado e coberto de seda e furtava-se áquelle repouso mettendo-se n'um desvão onde escondia uma cama de cortiça raza e vil; servia-se do subterfugio de escolher um brazão para usar uma corôa de spinhos gravada nas suas joias, pintada nos seus moveis, marcado na sua roupa e vestia-se d'uma maneira, ainda ardilosa, vasquinha branca e saio negro, para se assemelhar a uma noviça dominicana, satisfazendo assim a sua idéa dominante.

De França vieram embaixadores pomposos e habeis a pedil-a para o romantico Carlos, o Delphim filho de Luiz XI, trazendo-lhe presentes e madrigaes em que o rei se declarava feliz de ter por filha aquelle prodigio; e ella—de quinze annos apenas—enojada com o amor terreno que nunca entrou no seu peito nem soube perdoar, acceitou os presentes e os madrigaes e disse-se ainda muito nova para os encargos d'uma tão alta missão em tão faustosa côrte.

Como uma santa falta a uma promessa ◎ os cabellos de Santa Joanna ◎ disturbios d'um principe n'um mosteiro

A' sombra do claustro d'Odivellas, onde conseguiu entrar com consentimento do rei sem ordem de professar, meditou muito diante da lettra grossa e floreada das cartas que d'Aveiro lhe chegavam convincentes e cheias de fé e onde lhe diziam, as condessas e as filhas dos grandes fidalgos, como andavam amarfanhadas de trabalho, mas alliviadas d'espirito n'aquella casa santa que ella já amava. Um dia atirou-se aos braços do pae, beijou-lhe as barbas grisalhas, pediu-lhe para a levar por esse reino afóra á cata d'um mosteiro que conviesse mais á sua religião, dizendo de novo, ante o olhar esgazeado de D. Affonso V, que não queria professar.

Logo se mandaram aprestar quartos no mosteiro real de Coimbra, onde as freiras levavam vida regalada e onde havia bastantes folguedos e conversas ás grades; partiu a princeza com um cortejo magnifico a rodear-lhe as andas onde ia apertada nos seus cilicios, vestida no seu trajo branco e negro e com os cabellos occultos em coifa, á guisa de touca monastica, a desdenhar assim atavios e louçanias. Quando chegou a Pombal, onde se apartava a estrada, disse ter o capricho de visitar o convento de Jesus d'Aveiro e logo que passou a portaria toda ella foi alegria, abraços ao pae, conversações sumidas com as freiras e grandes provas de affecto á madre Leitôa que estava radiante e erguia ao ceu as suas mãos de pergaminho e ao anoitecer quiz ali ficar, sollicitou para sua moradia o mosteiro e o rei condescendeu, ao passo que o principe—o futuro D. João II—enviezando os olhos para aquelles rostos torturados e para aquelles habitos em frangalhos lhe resmungou ao ouvido que a saberia desemparedar do convento se entrasse em noviciado; ella sorriu com a sua idéa bem presa e ficou.

Esteve ali tres annos até que em 1475, aos vinte e cinco de janeiro—vespera da Conversão de S. Paulo—feliz e em recatado segredo, tomou o veu de noviça, deixou d'usar ouro e prata e de dar audiencia ás nobrezas, tornou-se uma enclausurada egual ás outras, divergindo apenas nas provas de maior humildade: ciliciava-se com furia e ponteava d'aço as cordas do sacrificio; era mestra em inventar mortificações que lhe agradavam ao extremo, sobrepassava as outras em trabalhos e rezas, apoucava-se a ponto d'amassar o pão como uma bolacheira da villa, de lavar cargas de roupa no tanque da cêrca, de se ajoujar com mólhos de lenha

e feixes de trigo e acabava por cortar os cabellos —os seus lindos cabellos louros, que ainda hoje existem n'uma ambula do convento—e quando os viu tosquiados pelo golpe farto da tesoura monastica sentiu-se bem com Deus e ficou á espera da bemaventurança.

Mas o segredo do seu noviciado soou na villa; mulhersinhas simples vieram dizer como andava feita trabalhadeira uma princeza real e então houve rija atroada em todo o reino.

O tumulo de Santa Joanna

Chegaram azafamados os procuradores das cidades e das villas nas suas montadas com gualdrapas de luto, ergueram um clamor avantajado que rompeu unanime e passou as rexas do convento, fizeram luzir as armas, disseram á princeza que despisse o habito pois que a nação—á falta de governantes, se o irmão morresse—não podia ser patrimonio d'uma monja e alguns mais assomados, fulos e rubros de indignação, ameaçaram de largar fogo ao convento n'um escarceu formidavel que as freiras ouviam de rastos, erguendo as mãos convulsamente chorando e rezando, medrosas como aves sob as azas do habito da abbadessa que, tomada de um vágado, gaguejava orações dizendo toda aquella turba contagiada de heresia e que albergava o démo debaixo dos pelotes.

Depois, por uma tarde de maiores receios, a portada do convento escancarou-se á voz engasgalhada de colera do principe D. João e elle entrou a bater rijamente as suas sapatas de malha d'aço, tilintantes com os acicates, chocalhando, no impeto irado em que avançava, a adaga e os punhaes na cinta d'escamas, galgou afreimado e sem respeito a nave da egreja e aos berros chamou a irmã á sala capitular, onde as monjas se jungiam umas ás outras, maceradas e medrosas, descalças e tremulas, rôtas e em prantos. Quando a viu, pallida, magra e mal sustida, entrajada como uma mendiga, alteou mais a voz, enrouqueceu com os ralhos, ordenou-lhe que o seguisse ao paço e ella, na sua teima, agora mais vincada desde que a contrariavam, resistiu.

Por fim o principe fingiu abater-se, mostrou-lhe as vestes de luto que trazia e as barbas crescidas em signal de pesar e tudo foi baldado; accorreu a chamar o bispo d'Evora, D. Garcia de Menezes, irmão d'aquella D. Leonor, agora subprioreza, e elle, tão douto e tão eloquente, mas cuja sapiencia e cuja palavra d'ouro já tinham soffrido revezes, quando fôra da profissão da irmã, mais uma vez se retirou desbaratado depois d'uma conversa larga, na varanda do mosteiro, diante da villa pobre e dos campos alagados. Queria convencel-a; a princeza confundiu-o com as suas complicadas razões de mulher aferrada a um sacrificio que lhe dava goso. D. João sahiu de rompante a atirar com as portas, praguento e rude, dizendo em assomos de colera que lhe rasgaria o habito e a levaria ao paço no meio d'uma escolta.

Mas não o fez, porque ella jurou não professar, ficar simples noviça no seu querido convento de Jesus d'Aveiro.

COMO UMA SANTA CRIA UM BASTARDO ◎ OS NOIVOS DE SANTA JOANNA E UMA MENTIRA DA CHRONICA DE S. DOMINGOS ◎ DEUS PARA OS AMORES D'UM REI E O DIABO PARA OS D'UMA DAMA D'AVEIRO.

Passaram annos; morreu a madre Leitôa e foi eleita abbadessa a irmã do bispo D. Garcia; morreu Affonso V, succedeu-lhe o assomado principe D. João II e a princeza D. Joanna, sempre formosa, mas mais abatida, diaphana como uma hostia santa, vivia no convento cada vez mais a caminho do ceu, detestando o mundo e os amores, recusando perdões para delictos de coração e tendo o senhorio da villa d'Aveiro, cujo producto se ia todo em thesouros para a capella, em missas e em exaltações devotas e caras.

Tempo depois de ser acclamado, entrou D. João II no convento, muito mysteriosamente por certa noite, trazendo na dobra da capa, enfraldado de bellas hollandas, um menino de tres mezes que disse ser seu filho e d'uma dama D. Anna de Mendonça. A creança chamava-se Jorge, estava destinado a ser duque de Coimbra e a fundar a casa ducal d'Aveiro, e por entre as roupinhas finas movia os bracitos gordos no collo do rei que se humildava e sumia a voz para lhe dizer toda a colera da rainha e para lhe pedir que guardasse o menino no mosteiro. Não se agastou a futura santa; ficou serena, estendeu os braços e tomou a creança sem recear attrahir a colera de Deus sobre o convento nem manchar-se no peccado; falou docemente, descarregou a consciencia com orações e logo do seu collo o bastardo real passou para os braços de todas as monjas, foi beijado—elle, o filho do adulterio—por aquellas bôccas sagradas pela oração e em todos aquelles regaços de burel elle foi bem aconchegado e bem embalado.

E no emtanto a noviça real continuava a detestar o amor, a recusar os noivos que lhe offereciam ainda trazidos pela sua reputação de belleza que os sacrificios, as rezas, os jejuns e os trabalhos não tinham conseguido apagar. O rei dos romanos Maximiliano, pediu-a em casamento e ella, toda a queimar-se em fé, tantas objecções fez que os embaixadores partiram e o soberano resignou-se a não ser amado por esse envolucro de virtudes e por aquelles lindos olhos verdes. Mas chegava outra provação maior: Carlos VIII, aquelle romantico Delphim de França, agora rei, e que a quizera outr'ora para mulher, voltava a solicitar a sua mão. A princeza recusou e de novo D. João II veiu a arder em iras a perguntar-lhe se, pela sua teima, queria dar logar á guerra com o francez?! De certo lhe explicou como o filho de Luiz XI era um exaltado romantico e como seria capaz de mover hostes por causa dos seus lindos olhos, decerto lhe disse como o reino, assolado por uma guerra, seria infeliz e tambem decerto lhe mostrou as desgraças que a sua teima faria e—segundo a *Historia de S. Domingos*—a princeza accedeu e áquella hora o noivo morria. Mais tarde é Henrique Tudor, rei de Inglaterra, que, seduzido por essa alliança, sollicita a mão da princeza e tambem elle—ainda como affirma Fr. Luiz de Sousa na mesma chronica—falleceu desde que a noviça se dispoz ao sacrificio.

Relicario com uma madeixa de cabellos de Santa Joanna

Vê-se apenas que o chronista seguiu velhos manuscriptos e não fez indagações de maior e que a princeza D. Joanna era tão habil como formosa, pois soube afastar os embaixadores e os pedidos de casamento como os soubera attrahir com a sua belleza, soube fazer calar o irmão, esse indomavel, falando-lhe talvez do bastardo, soube finalmente arranjar a maneira de ficar em Aveiro, solteira e religiosa, mas não conseguiu que o patriarcha S. Domingos—como affirma o chronista illustre—a salvasse d'esses leitos d'esponsaes pela morte dos noivos, pois tanto Carlos VIII como Henrique Tudor falleceram depois de Santa Joanna, que foi gosar da bemaventurança aos 12 de maio de 1490.

Carlos VIII esteve solteiro até essa data, o que faz pensar em ter existido uma paixão pela princeza n'essa alma de poeta louco e que só a morte d'ella apagou, pois em 1491 casa com Anna da Bretanha e em 1498, após algumas quichotadas e alguns louros, morre no castello d'Amboise em virtude de ter batido violentamente com a cabeça na trave de ferro d'uma portinha baixa.

Henrique Tudor, esse na posse dos seus dominios, esmagando a nobreza após a morte do conde de Glocester, Ricardo que serviu de protagonista na peça celebre de Skaspeare, só morre em 1508, isto é, dezoito annos depois da data em que Santa Joanna, desfeiada, perdida, feita um esqueleto, ella, a gentil princezinha dos olhos verdes, que pelo seu odio aos peccados d'amor d'uma dama de Aveiro, emquanto perdoava os do irmão, morre aos trinta e oito annos e tres mezes, ungida e em santidade.

DE QUE MORRE UMA SANTA ◎ O QUE É A FORMOSURA AS JOANNAS D'AVEIRO

Ella, que acolhera no convento aquelle D. Jorge, bastardo do rei, e que sempre se desvelára em mimos por elle, que relevára ao irmão aquelle amor que fructificára, indignou-se, a ponto de man-

dar sahir da villa d'Aveiro, em que tinha senhorio, certa dona, cujos amores escandalosos enchiam os soalheiros da villa e cuja fama desbragada lhe chegara aos ouvidos. A outra—como uma peccadora confessa—sahiu e foi morar para além das portas. Houve d'ahi a annos peste em Aveiro e a santa sahiu a caminho d'Alcobaça, d'ali foi a Coimbra, mas sabendo que já passára a molestia voltou rapidamente ao mosteiro em cujo caminho lhe veiu grande sêde. Apearam-se as creadas, foram as monjas em busca d'agua e d'ahi a pouco voltaram com um pucaro ao qual a santa collou com avidez os formosos labios.

Puzeram-se de jornada e dentro em pouco sentia umas dôres enormes a revolvel-a, foi conduzida á pressa para o mosteiro e n'uma grande grita se disse estar a princeza envenenada e que a agua viera de casa da mulher que fôra desterrada da villa e morava afóra das portas onde continuava a ser a peccadora que ella castigára e agora se vingava.

Nunca mais teve allivios; a sua formosura perecia, andava ainda em grandes trabalhos como até então, mas de quando em quando tinha vomitos, abriam-se-lhe chagas pelos labios, lazerava-se toda e estava descarnada; n'um quadril esbeiçava-se uma larga ferida e recolhia-se ao seu catre sem uma queixa, disposta a morrer, dizendo a soror Clara da Silva que viera na sua companhia de Santa Clara de Coimbra e era dama de muito saber: *Clara, hæc requies mea in sæculum sæculi*, e com effeito ali ficou atravez dos seculos n'aquella santa casa para onde a levára a sua paixão pelas cousas religiosas, onde passára a vida e onde falleceu depois de ter falado a sua tia D. Filippa, a tres arcebispos, os de Braga, Coimbra e Porto, e áquelle D. Jorge, bastardo de seu irmão.

Dizem que quando o seu corpo chagado e apodrecido passou nas ruas da cêrca as arvores murcharam e que n'isso se viu um milagre; desceram o seu cadaver para debaixo do côro e começaram desde logo a espalhar-se grandes famas de milagres á sua conta, e por isso em 1689 d'ali se tirou a sua ossada e como D. Pedro II mandasse fazer a João Antunes um lindo mausoleu para a santa de sangue real n'elle a encerraram em 1711, quarenta e nove annos antes de ser canonisada por Benedicto XIV e dezoito annos depois de ser beatificada por Innocencio XII.

Claustro do convento de Jesus, em Aveiro

Aveiro teve a sua santa; depois d'ella outras Joannas menos canonisadas mas tão formosas—se em Aveiro ha tantas—por lá floresceram e agora, na febre das festas, nas pompas da egreja, emquanto por sobre a cidade estalaram os foguetes, decerto muitas d'ellas ao ajoelharem diante d'esse rico mausoleu lavrado, mexendo os vermelhos labios a pedirem pelos que amam, esqueceram que a santa foi a grande adversaria do amor na sua severa rigidez religiosa; decerto apertaram alguma mão querida diante da sua sepultura e n'isso bem fizeram, porque já ha muito estão fechados aquelles implacaveis e lindissimos olhos verdes.

ROCHA MARTINS.

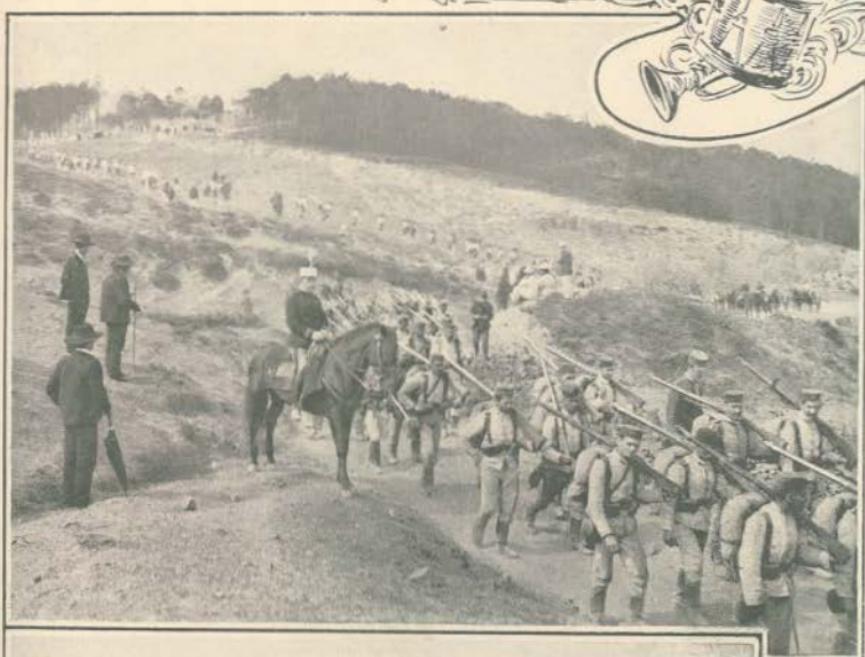
(CONTINUADO DO N.º 14)

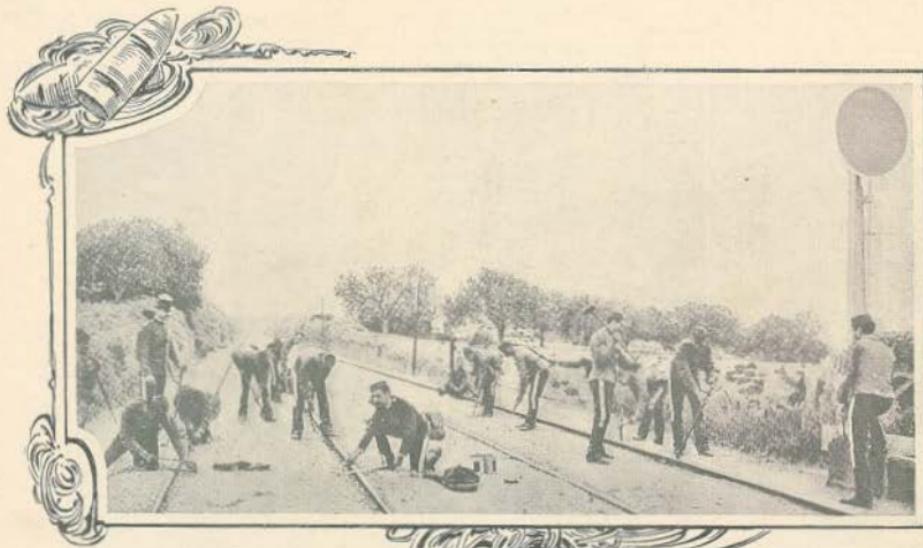
«Agora, veja... Quando um dos nossos batalhões do 12 abordava as alturas da Senhora do Monte, — aqui, — e se preparava para occupar e guarnecer defensivamente as immediações da aldeia da Cerdeira, — posição estrategica apreciavel, porque aqui, junto á ponte, cruza-se a linha ferrea com duas estradas importantes vindas da fronteira, — avistou forças inimigas, já muito proximas, descendo a encosta defronte, do outro lado da ribeira. Aqui um rijo recontro torna-se então inevitavel. Foi logo expedido aviso para o quartel general da divisão. O commandante do batalhão, ao passo que, na margem direita da ribeira, improvisava uma testa de ponte cobrindo a linha ferrea, occupava tambem defensivamente a aldeia, na margem esquerda, e cobria em ordem dispersa as alturas enfiando a ponte e que batiam a margem fronteira com vantagem d'um commandamento superior. Tudo isto com uns escassos mil homens! Era positivamente um jogo de audacia, o qual só perante uma evidente inferioridade dos contrarios é que poderia ser bem succedido.

— E porque não havia de dar-se essa inferioridade?

— Já ha pouco lhe fiz vêr que não podia ser, meu caro amigo... Bem vê, a brigada hespanhola poude tranquillamente avançar n'um terreno eminentemente favoravel e sem obstaculo de especie alguma, por uma extensão de 11 kilometros, entre Nave de Haver e Villar-Formoso. D'ahi, e successivamente concentrando-se, marchou logo para sudoeste, pela Freineda, Malhada-Sorda e Porto de Ovelha, — veja! por aqui... — com o objectivo na Miuzella e ponte da Cerdeira, a tal occupada pelos nossos. De sorte que estes, — um escasso batalhão, como lhe disse, — teem logo na sua frente o regimento que formava a guarda avançada da brigada hespanhola; eramos um contra tres; só um milagre poderia salvar-nos.

«A guarda avançada hespanhola, dispersa e aproveitando habilmente o terreno, consegue, apezar do nosso fogo mortifero, ir avançando e descendo sempre; os seus primeiros pelotões são cruelmente dizimados; mas depois o segundo batalhão

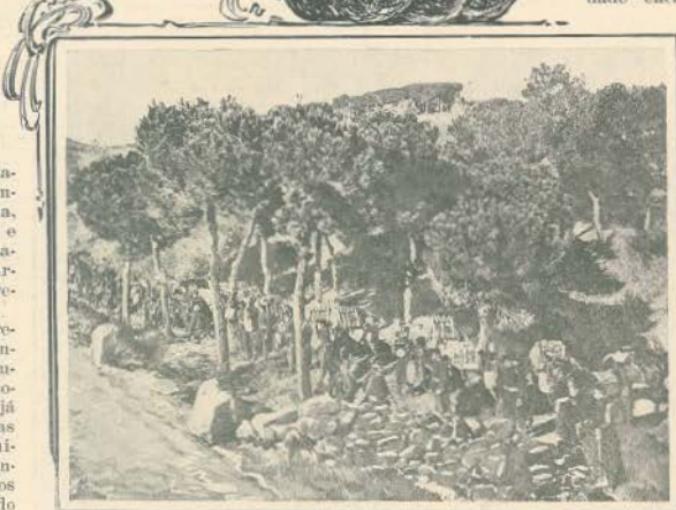
Mappa elucidativo do combate da Cerdeira, em que um batalhão do 12 de infanteria, depois de uma resistencia heroica, é obrigado a retirar em face de tres batalhões de infanteria e dois esquadrões de cavallaria inimiga

Então, o retrocesso era inevitavel, impunha-se...

entra fresco no combate, e, n'uma carga impetuosa, consegue atravessar a ponte; segue-o o terceiro batalhão, marchando sobre as lageas juncadas de cadaveres. E agora, nas viellas tortuosas da aldeia, a lucta é desesperada, trava-se por vezes corpo a corpo, o terreno disputa-se a palmos, e os nossos, entrincheirados nas casas, improvisando barricadas, resistem prodigiosamente... a dar tempo que os reforços cheguem. Chega porém mais

depressa um batalhão hespanhol de caçadores, o qual, tendo vadeado o Côa junto á ponte do caminho de ferro destruida, e descendo por inverosimeis barrocaes e atalhos, nos cae de improviso sobre o flanco. Chegam quasi simultaneamente dois esquadrões de cavallaria inimiga, que tinham vindo a trote largo, sem obstaculo, pela ponte de Almeida, Aldeia Nova e Parada, ameaçando cortar-nos agora a retirada.

Então o retrocesso era inevitavel, impunha-se. E é como, prestes já a cahirem nas mãos do inimigo, os desmantelados restos do batalhão do 12 retiram sobre a Guarda, aonde levam a confusão e o desanimo».

Felizmente, dois officiaes fizeram saltar a linha ferrea...

Agora aqui, uns momentos silencioso, o general traçava nervosamente o seu *croquis* sobre um cartão, em linhas sobrias e largas, como de quem conhecia o terreno a palmos e estava por completo senhor do assumpto:

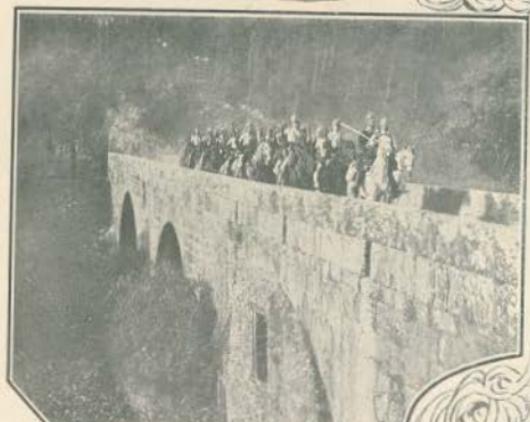
— Agora, oiça, quér ver?... E uma banalidade encarecer a importancia estrategica da Guarda. Toda a gente sabe hoje que esse cyclopico escalonamento de montanhas constitue para nós, por aquelle lado, a primeira grande barreira imposta ao invasor pela Natureza. Mas o valor estrategico d'uma posição, por formidavel que ella seja, não se pode sustentar só por si; é indispensavel que os elementos activos a valorisem. Eu não sou dos partidarios do estabelecimento d'um campo entrincheirado circumscrevendo o triangulo Guarda-Celorico-

Os regimentos 14 e 9 tinham respectivamente bivacado nas immediações de Celorico e Trancoso

Trancoso; mas queria este triangulo convenientemente guarnecido e preparado de fórma que, no momento critico, pudessemos rapidamente occupal-o, e em condições de assumir até uma offensiva energica, com uns cincoenta mil homens, marchando a coberto dos primeiros destacamentos de fronteira. Seguramente que, se tivessemos as coisas organisadas por essa fórma, como tanto urge, já seriam agora bem differentes as conclusões do meu arrazoado. Mas, com tão desfavoraveis premissas, que hei de eu fazer?...

Eu seguia interessadissimo, sem fallar, o seguro traçado das linhas como elle no papel ia exemplificando.

— Pela entrada dos dois batalhões do 12 na Guarda, e pelas mais noticias colhidas, logo o general Pinheiro anteviu que seria forçado a retirar. Para mais, o regimento 21 não acabava de chegar, e os regimentos 14 e 9 tinham n'aquelle momento bivacado respectivamente nas immediações de Celorico e Trancoso, a 22 e 38 kilometros ainda da cidade. Os escassos contingentes de Lisboa, com o Principe Real, já haviam dado entrada na Guarda; mas faltava ali ainda quasi toda a infanteria. E em menos tempo do que esta gastaria para concentrar-se ali, chegavam com certeza primeiro á vista da cidade os hespanhoes, os quaes, postados a oeste da Cerdeira, e em perfeita segurança, em breve poderiam envolver a Guarda avançando pela rêde de estradas e caminhos carreteiros que seguem por Parada, pelo Pinzio e Jarmello. Além d'isso, segundo informações d'um desertor que fôra colhido pelos nossos, prestes a morrer afogado no Côa, as forças hespanholas constavam d'uma divisão, a tres brigadas de infantaria, com mais dois batalhões de caçadores annexos, um regimento de cavallaria, tres baterias de artilharia montada e uma de montanha, e dois parques ligeiros de sitio. Os seus reconhecimentos eram feitos por uma secção transportada em automoveis. Veja que somma de vantagens! Vinte e tantos mil homens contra os nossos doze mil. Fatalmente, e mais uma vez, a retirada impunha-se!

«Retiram então as nossas forças para Celorico, onde se estabelece o quartel general da divisão em operações. Denodadamente, o Principe vem com a cavallaria da guarda da retaguarda. E agora a situação, nitida, brutal, é a seguinte...

Aqui tem o meu amigo, — e traçava, — a curva caracteristica do Mondego, n'aquelle ponto. Cá está, dentro da curva, Celorico; a Guarda a leste; ao norte Trancoso. Agora, a pronunciada curva da via ferrea, com o seu maximo em Villa Franca das Naves, e já, pode dizer-se, em poder do inimigo. Bem... Communicações: da Guarda para Celorico, e já livres para o inimigo tambem, duas excellentes, pela portella de Porco e pelo Porto da Carne. Analogamente, boas ligações para Trancoso e Villa Franca, cada uma d'ellas por uma estrada a macadam e grande numero de carreteiras O mesmo para leste, e sem um unico soldado nosso, até ao grande planalto da fronteira! Quer dizer, o inimigo, antecedendo-nos, e transposto o Côa e as ribeiras de Noemy e das Cabras, continua a avan-

Retiraram então as nossas forças para Celorico...

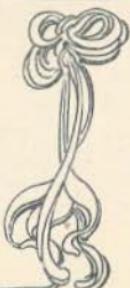
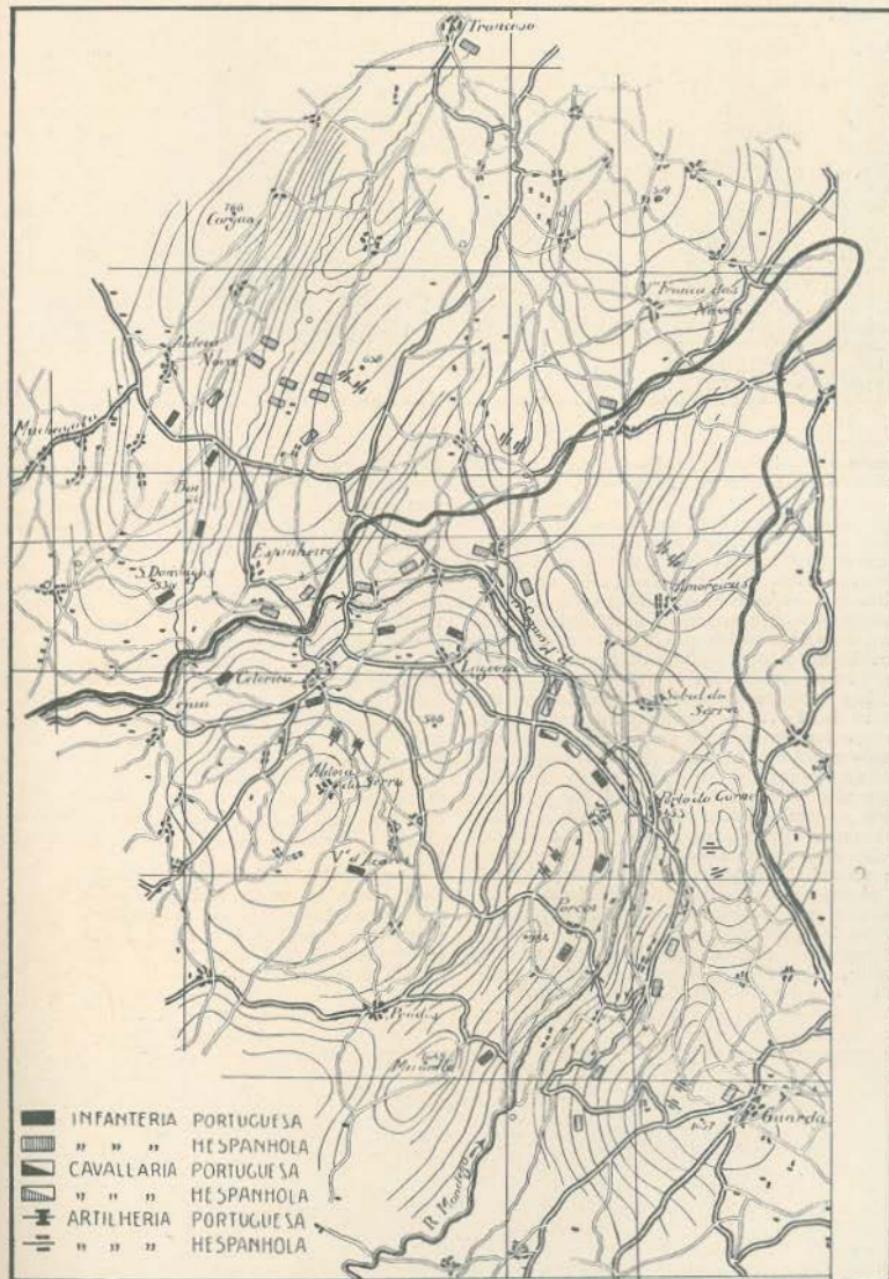
As forças portuguezas a caminho de Celorico

çar com relativa facilidade, emquanto, pavidamente, na sua frente, os aldeões em tresmalhados magotes começam a debandada, desertando os campos e a religiosa paz do seu lar, espavoridos ante a imminencia da violação e da morte. Veja, veja... isto é fatal!

Agora, á medida como entrava na especialisação concreta dos factos, e vivendo intensamente o seu sonho, o meu bravo interlocutor inflammava-se, tinha o olhar incendido, a voz tomava inflexões metallicas de commando, e toda a sua viril carcassa se deslocava com energia e decisão, como se, em vez do expositor ardente d'uma pura phantasia, elle estivesse sendo o campeão real d'uma batalha.

— Mas é que, realmente, a derrota é fatal, desde que lá em cima, na Guarda, o grande fulcro da posição, nada pudemos fazer de util! Se nos tivessemos podido antecipar, occupando as posições a leste da cidade, toda a campanha até ao Sabugal e Alfayates era irreductivelmente nossa. Assim, não... Essas posições são do inimigo, dão-lhe subitamente um grande ascendente moral, e, de leste para oeste, dominam em geral as nossas. D'ahi o fracasso. Vae vêr.

«Uma vez installado em Celorico, o commando da divisão em operações faz publicar uma ordem concebida pouco mais ou menos n'estes termos: «O inimigo, na força d'uma divisão, a tres brigadas de infantaria, com artilharia de montanha, além da divisionaria, e um parque de sitio, occupa a Guarda e immediações e pretende apoderarse do valle do Mondego. A fim de lh'o impedir, a divisão do meu commando tomará a seguinte disposição: a primeira brigada de infantaria, constituida pelos regimentos de infantaria 9 e 14, guarnecerá o flanco esquerdo e o centro da defeza; a segunda brigada procurará, na direita, com um regimento, o 12, conter em respeito o inimigo que descer da Guarda pelo Porto da Carne, ficando o outro regimento, o 21, como reserva geral. A bateria a cavallo tomará posição ao norte da portella de Porco, a fim de bater e procurar enfiar, o mais possivel, esta ultima estrada; a bateria de campanha, postada ao norte de Aldeia da Serra, baterá com especialidade para o norte as passagens do Mondego. A cavallaria, em massa, junto á estrada districtal. Ambulancias, parque, etc...

«Vê bem isto?... E' uma série de posições demasiado extensas para os effectivos que haviam de guarnecel-as, mas que, ao mesmo tempo, não podiam deixar de ser occupadas assim, todas ellas. A menor deficiencia, n'aquelle terreno e com a sua natural conformação estrategica, seria o primeiro passo para um desastre irremediavel. Procurámos, quanto possivel, prevenil-o, mas a nossa linha de posições havia de ficar por força escassamente defendida. Veja... Infantaria 9 tem que guarnecer, segundo a ordem, o flanco esquerdo, n'uma

O serviço de transportes da administração militar, a caminho da Guarda...

PLANTA DA BATALHA HYPOTHETICA DE CELORICO

A primeira brigada de infanteria 9 e 14 guarnecem o flanco esquerdo e o centro da defeza. A segunda brigada procura, na direita, com o regimento 12, conter em respeito o inimigo que desce da Guarda pelo Porto da Carne, ficando o regimento 21 como reserva geral. A bateria a cavallo toma posição ao norte da portella do Porco. A bateria de campanha posta-se ao norte de Aldeia da Serra

A artilharia postada nas eminencias que defrontam Sobral da Serra, abre fogo contra a brigada hespanhola

extensão approximada de 10 kilometros, ao longo da escarpa do contraforte de S. Domingos, Boi e Corgas, e desde a raiz do Mondego até ás proximidades de Aldeia Nova, onde fica a sua reserva. No centro, rodeando Celorico, concentra-se infantaria 14, na magnifica serie de posições entre Jejua e a Lageosa. Infantaria 12 parapeita-se, no flanco direito, com os asperos contrafortes da margem esquerda do Mondego, entre o desfiladeiro da Mizarella e as eminencias que defrontam Sobral da Serra. Tambem é pouco, para tamanha extensão e um terreno tão cortado.

«Pois é exactamente aqui, na direita, que a batalha se inicia... Da parte dos hespanhoes, não é um regimento só, mas uma brigada que vem guarnecer toda a extensão de terreno que defronta com o nosso 12, deploravelmente esticado. Estendem-se os hespanhoes primeiro ao longo do estrada e veem descendo para o rio, porém muito de pausa, porque o nosso bravo 12 e a nossa artilharia, apezar de muito inferiores em numero, vão conseguindo contel-os. Mas, ao mesmo tempo, pelo norte, uma outra brigada de infantaria inimiga, com um batalhão de caçadores, cavallaria e artilharia montada, correu o planalto e vem sobre Trancoso, procurando envolver o nosso flanco esquerdo. E então,—veja! veja!—o heroico regimento 9, que tão brilhante folha de serviços trouxéra da guerra peninsular, agora aqui, sem cavallaria nos flancos, sem artilharia nas costas, sem nenhuma especie de protecção, diluido por força n'uma extensão enorme, sente-se isolado e acossado pela cavallaria, mas quer resistir, agarra-se com exaspero ás fragas... até que por fim, horrivelmente reduzido, cede e retira, concentrando-se sobre Celorico. Na direita já o 12 retirava tambem.

«E é agora, quando os nossos dois flancos fraquejam e cedem, que os hespanhoes nos atiram impetuosamente contra o centro a sua terceira brigada. O choque é violento, e parece que, dada a situação moral e material em que nos encontramos, será de effeitos decisivos. Com effeito, os hespanhoes passam, ao mesmo tempo, o Mondego nas cinco ou seis pontes que ali encontram, e atacam de frente a posição de Celorico, operando contra nós como uma cunha e tirando um resultado empolgante d'esta sua manobra feita por linhas interiores.

«O general Pinheiro, com o Principe Real e o estado maior, assistem desolados a este triste desenrolar de desastres, n'um liso mamelão que eu conheço muito bem,—é este! aqui, que tem na carta a cota 568, veja!—

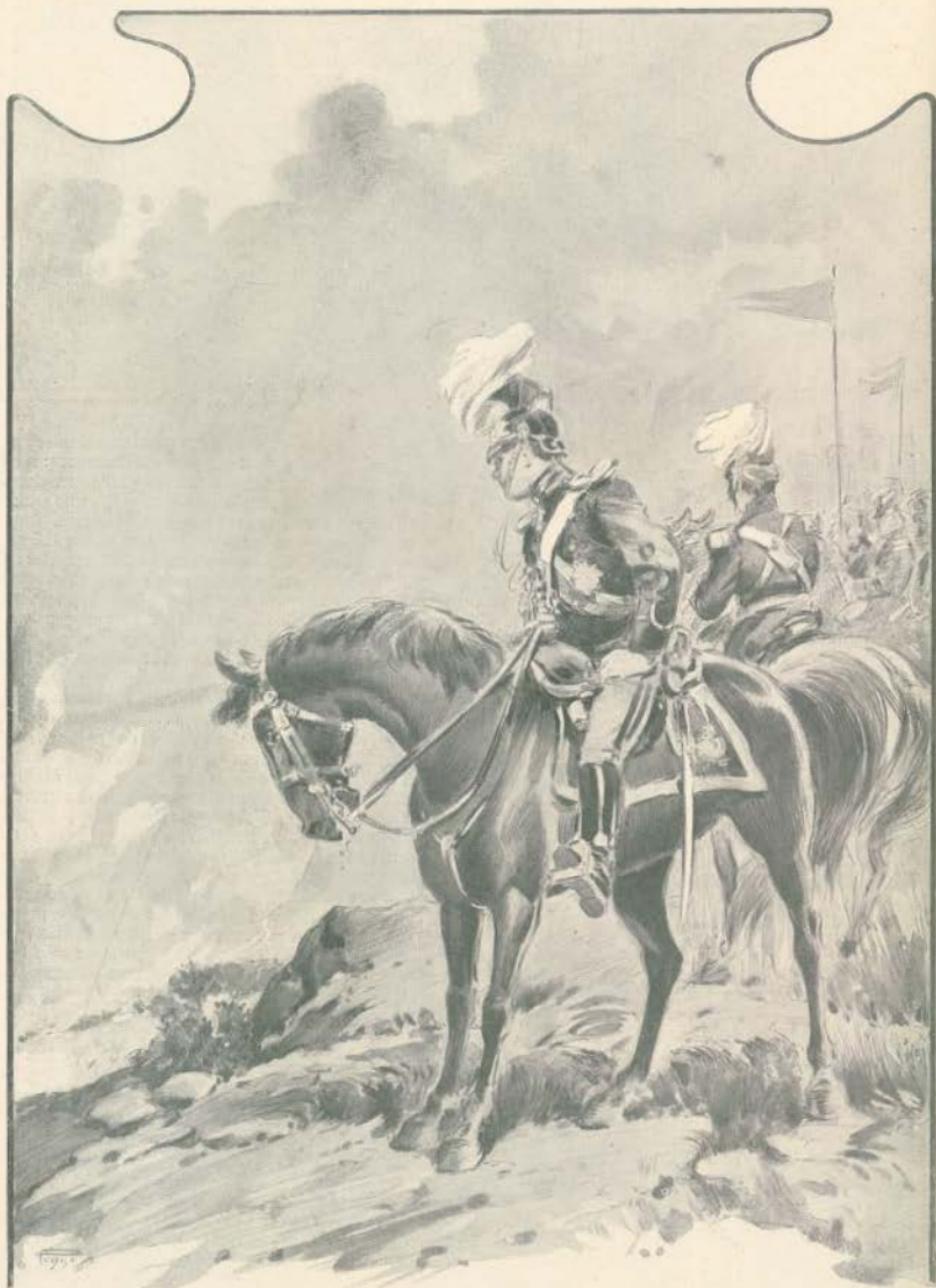
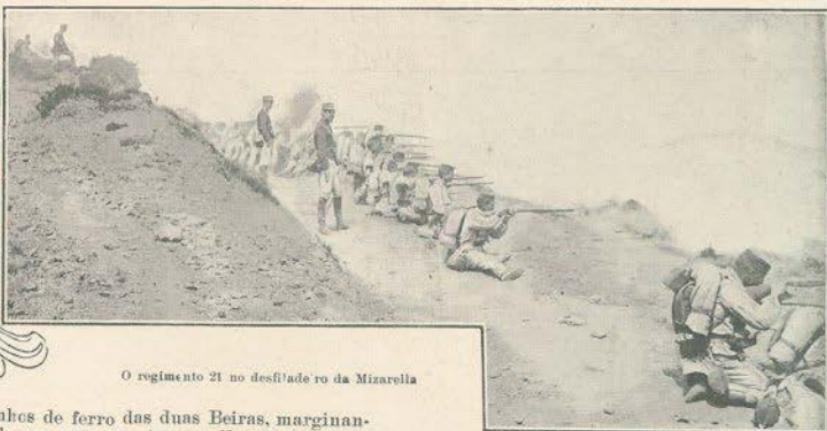
A artilharia abandona Sobral da Serra para ir em deffeza de Trancoso

Por toda a parte se vêem os nossos operando prodigios de valentia

e d'onde á vontade se desfructava e abrangia todo esse vasto e grandioso panorama. D'ahi se abarcava toda a imponencia agreste da paisagem: os espinhaços de granito que nos eriçavam os flancos, e a successão titanica dos contrafortes descendo na frente convulsamente ao rio. Que desoladora impressão de conjuncto, n'aquelle supremo instante! Por toda a parte se vêem os nossos operando prodigios de valentia, sossobrando infelizmente nos seus esforços inuteis, ante o nutrido fogo e os grossos effectivos dos contrarios... por toda a parte os nossos soldados, por fim, cedem, deixando, ás centenas, os cadaveres em cachos pendurados pelas escarpas, e de heroicos farrapos de carne em sangue juncada tragicamente a penedia!

—E bello, é grandioso o que me está fazendo antever... mas profundamente triste!—exclamei eu, commovido.

—Que quer, meu rico amigo? É a negra logica da desgraça... Quando as nossas linhas começaram fraquejando e já o inimigo ameaçava Celorico, então o Principe Real, nervoso, impaciente, antecipando-se ao commando, mandou concentrar no centro as duas baterias e avançar o 21, que constituia a reserva geral, como lhe disse. Mas esta reserva estava postada em Valle d'Azares,—aqui,—um nome fatidico! Era tarde... A sua intervenção nada poude remediar, apesar de entrar quando devia ainda ser tempo! Eramos poucos e chegáramos tarde: por isso esta nossa primeira grande derrota era fatal. E não levaria muito tempo... sete ou oito horas, quando muito. Quanta coragem malbaratada, que immensa somma de heroismo e de valor perdidos! Veja, veja... ao cabo, quando pelo dorso das encostas os calhaus de granito se alternam com cabeças de cadaveres, a termos que de longe não é facil distinguil-os,... e no fundo mormacento dos valles ainda páira esse fumo livido que é o halito anniquilador da morte... os hespanhoes descem agora e concentram-se vertiginosamente, tomam a estação de Celorico, tentam organisar um comboio, faundam de trepidações metallicas os echos cineis, e cortam de relampagos faiscantes a rugosa asperidão do valle, ao longo do rio. E eil-os assim senhores rapidamente, após uma refrega rija, mas summaria, de duas vias rapidas de communicação, os cami-

Quando as nossas linhas começaram fraquejando e já o inimigo ameaçava Celorico, foi dada ordem para concentrar no centro as duas baterias...

O general Pinheiro, com o Principe Real e o estado maior assistem, n'um liso mamelão, ao desenrolar da batalha...

O regimento 21 no desfiladeiro da Mizarella

nhos de ferro das duas Beiras, marginando respectivamente os valles do Mondego e do Tejo. E como elles agora não teriam naturalmente a amabilidade de se demorarem, á semelhança de Massena, nem nós podiamos dispôr de reservas estrategicas, breve poderiam estar, e talvez sem arriscar mais um tiro, sobre as nossas posições do Bussaco e Abrantes.

—E nós?

—Deviamos ter já a esse tempo estas posições guarnecidas, com forças destacadas do corpo de exercito do centro. El-Rei transportára-se em automovel ao Bussaco, e ahi foi o primeiro informado da derrota de Celorico, por meio da telegraphia sem fios.

Os ultimos tiros

◉

Do violento exforço que fizera na evocação d'esta narrativa humilhante, o general tinha os olhos humidos de lagrimas.

—Dá-me agora razão? Não lhe dizia eu, ha pouco, que era melhor ir-se embora?...

Eu, silenciosamente, condescendi, tomando o chapeu para sahir e baixando a cabeça com tristeza.

O general, derivando, acudiu:

—Escusava de levar d'aqui esta deprimente impressão. A culpa não foi minha... nem da materia prima! Se a aproveitassem como ella merece, pelo que ella vale!

E voltando outra vez á secretária, abriu uma das gavetas, de onde tirou uma pequena caixa com peões e réguasitas de pau preto, que entornou sobre a mesa. Depois começou a alinhar bonacheiramente as figuritas, explicando, a sorrir:

—Eu então, como antidoto a estes venenos amargos da descrença presente, costumo refugiar-me na saudosa evocação do passado... Para afugentar tristezas não ha como este jogo innocente. Estes eram os taes bonifrates do meu coronel, em que lhe fallei ha bocado. Aqui os tem todos alinhados. Agora quer vêr?...

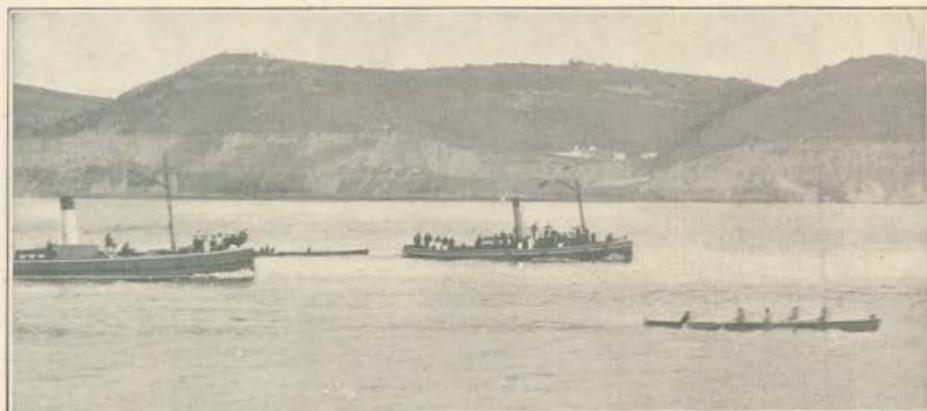
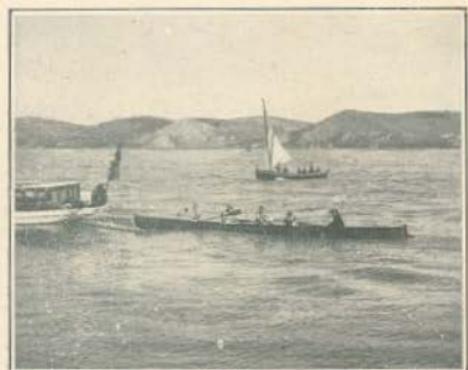
Endireitou-se, e fazendo voz de commando:

—Columna de pelotões sobre a direita! Primeiro pelotão, firme. Os mais, direita volver...

E movia a condizer as figurinhas.

—Isto, sim, é um jogo inoffensivo... e que dá sempre certo. Lá vae... Ordinario, marche!

J. R.

A regata da Taça Lisboa, effectuada no dia 24 de maio entre Santo Amaro e Belem

A guiga *Insula* na corrida final

A guiga dos aspirantes de Marinha

A *Insula* na segunda eliminatoria

A *Insula* vencedora da Taça
Jorge Aidim—Candido da Silva - Pedro Del Negro—Ricardo Del Negro (voga)—*Alberto Pereira* (timoneiro)

OS PEQUENOS ANNUNCIOS NA Illustração Portugueza

A **Illustração Portugueza**, no intuito de facilitar a propaganda nas suas paginas e pôr ao alcance de todas as bolsas a publicidade por meio de annuncios, communicados e correspondencias inaugurou uma secção de **PEQUENOS ANNUNCIOS**, por meio dos quaes toda a gente póde facilmente corresponder-se.

Os **PEQUENOS ANNUNCIOS** da **Illustração Portugueza** comprehendem duas categorias:

1.° **PEQUENOS ANNUNCIOS PARTICULARES**, comprehendendo as offertas de serviços e procura de emprego ou trabalho [professores, lições, secretarias, modistas, creados, etc., etc., etc.].

Correspondencia mundana e propostas de trocas de bilhetes postaes, sellos e informações sportivas, etc., etc.

2.° **PEQUENOS ANNUNCIOS COMMERCIAES**, comprehendendo d'uma maneira generica tudo o que se refere a negocio, que trate d'uma venda ou compra de qualquer producto, etc., etc.

Cada **PEQUENO ANNUNCIO** recebido será marcado na administração da **Illustração Portugueza** com um numero, e será publicado com esse numero; todas as pessoas que quizerem responder a qualquer **PEQUENO ANNUNCIO**, devem escrever a sua proposta ou resposta [com todas as indicações bem legiveis] mettel-as n'um enveloppe fechado apenas com o numero correspondente ao annuncio, e estampilhado com a franquia de 25 réis para Portugal e Hespanha e 50 réis para o estrangeiro; esse enveloppe deve ser mettido n'outro sobrescripto dirigido á administração da **Illustração Portugueza** secção dos **PEQUENOS ANNUNCIOS**, que se encarregará de a remetter ao interessado.

PREÇOS

Um espaço de 0m,05 de largo por 0m,02 d'alto

Correspondencia mundana, uma publicação...... 1$000 réis, 4 publicações 2$500 réis
Annuncios commerciaes, uma publicação......... 800 réis, 4 publicações 2$000 réis

NOTA — Todos os annuncios d'esta secção devem ser remettidos á administração da **Illustração Portugueza** até quarta-feira de cada semana.

Antiga Agencia Funeraria

DE

Francisco dos Santos Rodrigues

Andador da Irmandade do Santissimo da Sé de Lisboa

7, RUA DAS PEDRAS NEGRAS, 15

Telephone n.° 1:044

O proprietario d'este estabelecimento possue coches antigos, etc., carros dourados de columnas e ornamentados sempre o para serviços de funeraes desde o mais modesto e simples até ao de maior pompa que se possa exigir, por ser socio d'uma empreza das mais importantes e bem fornecidas no genero.

Urnas em todos os generos como no «pau santo lisas, e talhadas, ou ra oldadas e para embalsamamento e mo tambem ossuarios todos os artigos proprios para funeraes, incluindo armações para casas particulares, e rojas e ce ilier s. está este estabelecimento em condições de bem servir por preços resumidos. Tambem se encarrega de funeraes por tabella entregando-as a quem as requisitar na agencia, onde se encontram sempre a dos a toda a hora da noite. Trata-se de trasladações e todos os serviços re a iv s á sua n nus ria tanto no paiz como no estrangeiro.

Grande variedade em corôas, tanto nacionaes como estrangeiras, fitas e franjas em todas as qualidades

O gerente pode ser procurado a qual quer hora da noite no **pateo da Sé (defronte do Aljube).**

Thiago Marques MEDICO CIRURGIÃO

DOENÇAS DA BOCCA E DOS DENTES

PROTHESE DENTARIA

Largo da rua do Principe, 8, frente á rua do Carmo

O passado, presente e futuro revelado pela mais celebre chiromante e physionomista da Europa, Madame Brouillard

Diz o passado e o presente e prediz o futuro com veracidade e rapidez: é incomparavel em vacticinios. Pelo estudo que fez das sciencias, chiromancia, phrenologia e physiognomonia e pelas applicações praticas das theorias de Gall, Lavater, Desbarrolles, Lambroze e d'Arpentigney.

Madame Brouillard tem percorrido as principaes cidades da Europa e America, onde foi admirada pelos numerosos clientes da mais alta cathegoria, a quem predisse a queda do Imperio e todos os acontecimentos que se lhe seguiram. Fala portuguez, francez, inglez, allemão, italiano e hespanhol.

Dá consultas diarias das 9 da manhã ás 11 da noite, em seu gabinete, 43, Rua do Carmo, sobreloja. Consultas a 1$000, 2$500 e 5$000 réis.

RUA DO OURO, 110

Esquina da R. de S. Nicolau

Succursal do

— LISBOA —

SEMPRE - UTILIDADES - SEMPRE

em competencia com todas as casas que negoceiam no mesmo genero.—**SEMPRE os preços mais baratos do mercado.**—Talheres, louças de ferro esmaltadas ou estanhadas. Metaes para serviço de mesa. Canivetes, thesouras e outras cutelarias. Escovas. Pentes. Esponjas. Sabonetes, etc., etc.—Sortimento especial em artigos de ferragens e quinquilharias applicaveis ao **arranjo da casa** ou ao cuidado pessoal.—Artigos de primeira ordem.—Preços resumidos.—**LOJA UTILIDADES—José Braga—180, 182, Rua do Ouro, 180, 182—Lisboa.**

Companhia Franceza do Gramophone

NOVAS COLLECÇÕES SENSACIONAES

Artistas de todo o mundo todas as celebridades

OS CHEFS D'ŒUVRES de todos os maestros glorificados: Adam, Beethoven, Berlioz, Bizet, Delibes, Donizetti, Gounod, Meyerbeer, Mozart, etc., etc.

AS VOZES de todas as divas celebres e de todos os cantores laureados

Sons com toda a nitidez, pujança e clareza

A melhor, a mais verdadeira, fiel e a mais barata bibliotheca artistica é um

GRAMOPHONE

e uma collecção de discos impressos com as vozes dos artistas preferidos

A **Companhia Franceza do Gramophone,** Largo da rua do Principe, 8, 1.º, satisfaz promptamente todos os pedidos que lhe sejam dirigidos, bem como fornece catalogos e esclarecimentos.

Agente no Porto: Arthur Barbedo, rua Mousinho da Silveira, 310, 1.º—*Agente em Braga:* Manuel Antonio Maneiro Gomes.